

2016 número 2



Pentagrama

Lectorium

Rosicrucianum

Como uma tempestade impetuosa, o espírito impulsiona cada homem a um despertar gnóstico profundo



pentagrama

pentagrama

*Uma sépala, uma corola e um espinho
Em uma trivial manhã de verão –
Uma tacinha de orvalho –
uma abelhinha ou duas –
Uma rajada de vento –
um sussurro na ramagem –
E sou uma rosa!*

Emily Dickinson

O espanto e a curiosidade são, ao mesmo tempo, bênção e maldição. Nenhum animal se pergunta por que está vivo, nem o que está fazendo aqui embaixo. O homem, por sua vez, vive buscando e não para de procurar. E, quanto mais cava, mais ele domina seu mundo e a matéria. Mas, será que ele domina as profundezas de seu espírito tanto quanto seu mundo exterior? Apesar de tudo, a busca interior é prodigiosa. Quando nos observamos com sutileza, percebemos aspectos terríveis de nós mesmos, ao lado de matizes cintilantes de amor e bondade. Para perscrutar as profundezas do ser é preciso uma curiosidade determinada e um anseio verdadeiro.

Qual é a causa de uma vida consciente? Seria a fome, a vontade de comer? Seria a necessidade de preservar nosso clã, nossa família, nosso círculo? Ou poderia ser a busca por emoções, afetos e por tudo o que nos tornou inteligentes e complexos?

Ou será algo totalmente diferente? Uma brisa fresca, uma gota de orvalho ao amanhecer ou algo indizível, que não conseguimos definir... e que nos fez sentir o impulso de colecionar rosas, em serviço à humanidade? Será que vocês também colecionaram um buquê de ações reais e aprenderam a verdade do provérbio que diz, assim como na canção de Gilbert Bécaud: “O importante é a rosa!”?



Capa

Ameaça de tempestade de primavera

© Les fenêtres ouvertes

Conteúdo



- 4 **A árvore e a serpente**
J. van Rijckenborgh

- 8 **A sabedoria de Waitaha**
Pesquisa relatada por Winfried Altmann

- 16 **O poder do verbo em Atenas**
Observações de um visitante

- 19 **Acrescentar traços luminosos**
Crônica

- 20 **O barquinho de papel**
J. Anker Larsen

- 30 **O Triângulo flamejante**

- 34 **Uma vida inteira em defesa da Gnosis**
Entrevista com Timothy Freke

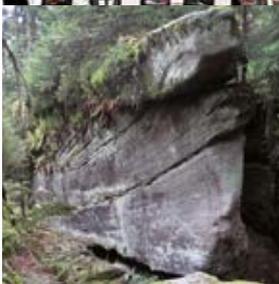
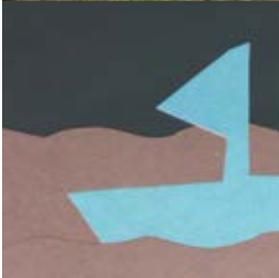
- 41 **O Centro**
Ensaio

- 54 **Conferências em Harvard**
Resenha do livro de Italo Calvino

- 58 **A língua esquecida**

- 61 **O dragão**
Símbolo

- 63 **O mestre do dragão tríplice de Bressanone**





Aquele que, mediante os mistérios da transfiguração, se vê confrontado pela primeira vez com a glória e a majestade do novo campo de vida – a radiação magnética da sexta região cósmica – vivencia essa experiência como se fosse uma tempestade magnética e imagina que sua dissolução e seu fim estão próximos.

É hora de manter a paz interior! Mantenha sua atenção focada no átomo centelha do Espírito!

Então, certamente, você vai fazer descobertas maravilhosas. Tão maravilhosas que se sentirá invadido por imensa gratidão e assim vai poder confirmar, das profundezas de seu ser, a mensagem imutável da Escola Espiritual: “Irmão, irmã! Em tudo e por tudo prestem atenção ao átomo original! Ele é a chave de sua verdadeira vida! Ele é o mistério dos mistérios, o começo e o fim de todo o novo vir-a-ser”.

Albert Bierstadt. Nas proximidades das montanhas de Sierra Nevada, Califórnia, 1868



A árvore e a serpente

Em todos os tempos, na simbologia sagrada, o duplo sistema nervoso do homem foi comparado a uma árvore. Seguindo o exemplo oriental, a Bíblia fala de uma figueira. Esse símbolo é muito lógico, pois, quando comparamos o tronco da árvore à coluna do fogo espiritual espinal que se eleva do plexo sacro, o santuário da cabeça equivale à copa ou coroa, e os doze pares de nervos cranianos, que descem e se espalham pelo corpo todo, aos galhos que a ela estão ligados.



Quando falamos da árvore da vida, trata-se evidentemente da atividade original pura e ideal desse sistema vital. E, quando falamos da árvore do conhecimento do bem e do mal é para focar a atenção na atividade perturbada e contaminada desse sistema. Assim, as duas árvores do paraíso mítico são colocadas diante de nós e em nós: a árvore da vida e também a do conhecimento do bem e do mal. O homem alterou e perverteu o funcionamento da figueira sagrada, e a Bíblia nos desvela isso de modo muito claro, mediante esse mito particularmente tão bem escolhido. Prestem atenção à serpente: ela vive na figueira, suspensa em seus galhos! A serpente é a alma, a consciência que vive no fluido espinal. A razão pela qual essa imagem foi escolhida é muito clara, pois o sistema cérebro-espinal, por sua forma orgânica, pode de fato ser comparado a uma serpente. Quando Jesus, o Senhor, diz a seus discípulos “Tornai-vos sábios como as serpentes!”, ele refere-se à ligação original, pura e sagrada, que existia entre o fogo espinal e a vida celeste quando esta estava estreitamente ligada à sabedoria divina. Mas a serpente da origem, a dos mistérios sublimes, degenerou até já não ser senão um vil réptil sibilante, que se retorce no seio da matéria e intoxica com seu veneno toda a criação.



J. VAN RIJCKENBORGH



O pensamento lúcido de Jan van Rijckenborgh e seu grande amor pela humanidade levaram-no a fundar, com Catharose de Petri, uma escola moderna de transformação da consciência: o Lectorium Rosicrucianum. A ideia inicial era que preencher as lacunas concernentes aos conhecimentos situados no plano profundo da existência constituiria um fermento para atenuar o sofrimento do mundo.

Compreendereis, assim, por que a Bíblia diz “Tornai-vos sábios como as serpentes!”, ao mesmo tempo em que esse animal pode também ser visto como o que há de mais repugnante.

É também nesse sentido que falamos do dragão de sete cabeças, surgido da profundidade das águas, e da hidra de múltiplas cabeças. De fato, a serpente espinal tem sete cabeças, que correspondem às sete cavidades cerebrais orgânicas estreitamente religadas a toda a extensão do sistema espinal.

As sete luzes, que brilham nas cavidades cerebrais, são as sete cabeças da serpente ou do dragão, os sete olhos de que fala um conto, e também as sete passagens que levam a Shamballa.

Assim, a intervenção divina que visa restaurar a saúde desvela-se a nós como em uma cena de teatro. Percebemos aqui o grande e sublime trabalho da Fraternidade Universal, com suas tentativas de elevar e transfigurar o homem decaído e sua personalidade danificada. A árvore da vida, a figueira humana original, sempre viva, deve ser endireitada, e nós devemos retornar ao paraíso dentro de nós mesmos. Compreendemos a tarefa voluntária dos “Filhos da Vontade e da Ioga” assim como sua manifestação sétupla. Os sete aspectos da Vontade e da Ioga, ardendo como candelabros nas sete cavidades

cerebrais, devem ser extintos segundo a natureza! A cabeça da antiga e vil serpente, a cabeça sétupla do monstro, deve ser esmagada a fim de que a Ioga divina, a Sabedoria divina, possa tomar seu lugar e a Vontade divina, como grande sacerdote, possa reinar no sistema cérebro-espinal e conduzir à transfiguração.

As sete novas luzes são então acesas, e é como se o aluno as segurasse em sua mão direita. Os doze pares de nervos cranianos, transformados em ramos da árvore da vida, são impulsionados para a nova vida. O fluido vital recriador penetra no interior dos três santuários. Do plexo sacro jorra a água viva pelas oito portas do lugar santo até o mar de cristal, que daí em diante não poderá ser quebrado por nada e por ninguém.

Então, os trinta e três aspectos da Vontade e da Ioga, os trinta e três segmentos do sistema cérebro-espinal, endireitam-se como uma serpente plena de sabedoria. E esse réptil, que outrora exprimia uma palavra de morte, de agora em diante falará a linguagem da beleza, da sabedoria e do amor. O filho do Todo-Um, o mestre-construtor divino, torna-se o filho unigênito nascido de Deus, o filho das serpentes e dos leões. A árvore da vida é novamente erigida como um pilar, uma coluna-mestra no templo de Deus. ★

A sabedoria de Waitaha

I

Não existe no mundo ilha mais solitária do que a Ilha de Páscoa. Exceto uma ilhota inabitada, situada a cerca de quatrocentos quilômetros, a ilha mais próxima encontra-se a dois mil quilômetros a oeste; a América do Sul, o continente mais próximo, encontra-se a três mil e setecentos quilômetros. A maioria das ilhas do grande arquipélago ao qual pertence a Ilha de Páscoa, a Polinésia, situada entre a Austrália e o continente sul-americano, encontra-se a quatro mil quilômetros. Nos cerca de sete mil quilômetros em direção à Nova Zelândia existe apenas o oceano. As dimensões da Ilha de Páscoa são de aproximadamente vinte e quatro quilômetros de comprimento por no máximo dez quilômetros de largura. Podemos falar, com todo o direito, que se trata de um grão de poeira triangular no meio do oceano. Sua descoberta, em 1722, pelo navegador holandês Jacob Roggeveen, possibilitou que ela se tornasse conhecida na Europa.

A ocupação de um lugar perdido assim, longe de tudo, não foi casual, ao contrário, foi planejada e guiada por uma intenção superior, que nos é contada no Cântico de Waitaha. As tradições dos habitantes originais da Nova Zelândia foram mantidas secretas durante séculos, porém há alguns anos tornaram-se públicas. Segundo essas tradições, diversos povos de diversas raças foram conduzidos a esse lugar da Terra de maneira coordenada por uma força superior. A ilha tornou-se um centro – precisamente um foco dos mistérios, como é relatado – para todos os territórios do oceano Pacífico. Conta-se que Hotu Matua, heroína do povo maori da Polinésia, e Kiwa, o navegador do Uru Kehu, vieram do leste – portanto, da América do Sul – e percorreram os oito mil quilômetros que os separavam a fim de se encontrarem nesse lugar solitário. Aqui devemos ver algo bem diferente do que apenas o destino de duas pessoas, do mesmo modo como, mais tarde, seu neto Maui partiu em busca da Nova Zelândia impelido não pela sede de descobertas, mas por uma missão interior.

Houve ainda um terceiro povo que se formou na Ilha de Páscoa: os “Homens de Pedra”, descritos como pertencentes a uma terceira raça, a terceira delas. Isso sugere que esses homens, em suas grandes peregrinações para muito além das regiões habitadas, foram intencionalmente conduzidos para a Ilha de Páscoa. Por mais de mil anos, essa ilha bastante “carregada” espiritualmente, situada em pleno Oceano Pacífico, serviu de ponto de partida e de centro de mistérios.



Para Paul Gauguin, era evidente que os maoris do Taiti eram homens ainda muito próximos de suas origens. Nesses rostos, desenhados a carvão (Taiti, 1889), ele soube fixar em uma única imagem a originalidade étnica e a espiritualidade do povo maori. The Metropolitan Museum of Art, Nova Iorque, E.U.A

Reconstituir a cronologia

A história de mais de setenta gerações relatada no Cântico de Waitaha, bem como a menção de uma enorme erupção vulcânica acontecida há 1700 anos na Tamatea, ilha ao Norte da Nova Zelândia, permite-nos estabelecer uma nova cronologia.

Vindo da Ilha de Páscoa, por volta do início de nossa era cristã, Maui, o neto de Matua e Kiwa, instalou-se na Nova Zelândia. Entre os séculos 3 e 4, a Nova Zelândia abriu-se para o exterior exportando, entre outras coisas, batatas e *pounamu*, pedra verde considerada sagrada, um tipo de jade. Essas pedras verdes, extraídas por seu poder curativo, espalharam-se por todo o arquipélago polinésio, e estão lá por trinta e sete gerações, portanto aproximadamente desde os séculos 12 ou 13 de nossa era.

As invasões belicosas que os maoris polinésios empreenderam na Ilha de Páscoa e Nova Zelândia condenaram à morte os “povos antigos”. Isso foi feito sem que os maoris fizessem o “reconhecimento do terreno”: em outras palavras, sem terem assimilado os conhecimentos próprios dos autóctones da ilha.

A história da Ilha de Páscoa poderia também ser reconstituída de acordo com as concepções das tradições ancestrais. O *Cântico de Waitaha* diz que as primeiras colonizações da ilha aconteceram simultaneamente. Hotu Maua e seu povo vieram da Polinésia; Kiwa chegou por volta do início de nossa era; pouco depois foi a vez do terceiro povo, provavelmente provindo da Ásia.

No decorrer do século 14 os polinésios levaram a brutalidade, as lutas e os conflitos à Nova Zelândia e à ilha. Não tiveram nenhuma consideração pela cultura nativa. Finalmente, no século 17, a antiga cultura da ilha de Páscoa afundou.

Essas estátuas foram erguidas na Ilha de Páscoa que, segundo a Doutrina Secreta, emergiu das águas. Elas apresentam grande similitude com as que foram descobertas na Mongólia (cf. página à direita) cuja origem é igualmente desconhecida. A Ilha de Páscoa e a Pirâmide de Gizé estão exatamente em pontos opostos na esfera terrestre – o que representa mais um enigma.



Peças encontradas na Ilha de Páscoa testemunham que não foi tão simplesmente uma tribo local que ali desenvolveu uma cultura, mas que existiu sim uma civilização altamente desenvolvida. As gigantescas estátuas ali levantadas não são encontradas em nenhuma outra parte.

É difícil imaginar como homens que não possuíam utensílios de ferro conseguiram esculpir, transportar e levantar estátuas de até 12 metros de altura e de mais de 90 toneladas. Numa pedreira encontra-se um monumento inacabado de tamanho de 21 metros! Também foi descoberto um sistema de sinais próprios dessa cultura, que faziam parte de escrituras raras ainda não decifradas, a exemplo daquela de Mohenjo-Daro, a civilização do vale do rio Indo, com a qual se assemelha.

O CÂNTICO DA CRIAÇÃO

O Cântico de Waitaha contém apenas algumas vagas indicações a respeito da origem asiática dos “Homens de Pedra” que vieram das “mais altas montanhas, o teto do mundo”. Segundo a *Doutrina Secreta*, a Ilha de Páscoa conheceu a primeira civilização da terceira raça, da qual faziam parte os lemurianos. A ilha submergiu com tudo o que restava da Lemúria, porém, mais tarde, uma súbita erupção vulcânica fez reemergir um pequeno vestígio dos tempos arcaicos, com seu vulcão e suas estátuas intactas, como testemunho da existência anterior da Lemúria. Alguns afirmam que certas tribos aborígenes da Austrália são os últimos descendentes dessa raça.

O Cântico da criação

“Das profundezas do vazio fez-se ouvir poderoso ruído.”

No princípio, o universo foi chamado à vida por Mata Ngaro, o deus dos deuses, pai e mãe dos que ainda não haviam nascido, o criador do todo.

E todos os nascidos das estrelas eram irmãos e irmãs, membros de uma só família.

E livre era seu espírito.

E os membros da raça humana viajavam para o mundo da Luz, nas marés do início dos tempos.

E eles caíram no mundo da obscuridade onde o mal, os filhos de Tane, os fez seguir os caminhos de dor e de tristeza.

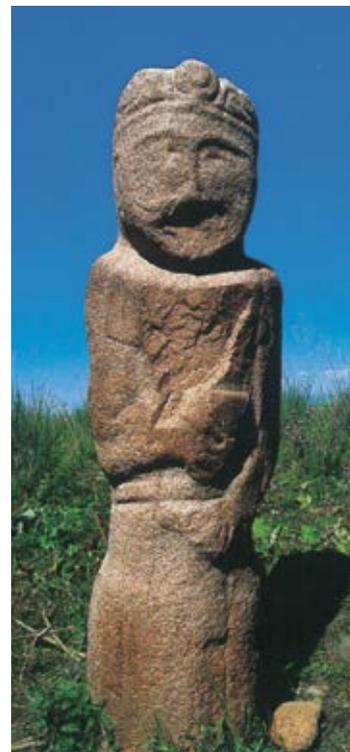
“E eles novamente se voltaram para a Luz e se acharam em pé no círculo da paz.”

Assim começa o Cântico de Waitaha – As histórias de uma nação (*The song of Waitaha, The histories of a Nation*). Durante séculos, essas narrativas foram transmitidas oralmente pelos anciãos de Waitaha. Em 1994, elas foram publicadas pela primeira vez, em Christchurch, na Nova Zelândia, após a autorização dos anciãos, ocorrida em 1988.

Os arqueólogos da Nova Zelândia fizeram inúmeras descobertas sobre um povo que não conhecia armas e que concebia seus próprios procedimentos comerciais, assim como o meio de transporte de pedras por toda a extensão do país. Essa comunidade pacífica é o tema do Cântico de Waitaha que a chama de “A Nação”.

“Na Luz está a vida e a compaixão,
na escuridão, só existem trevas.

Na Luz, o sonho não conhece fronteiras,
na escuridão, o sonho é deformado,
não consegue encontrar seu início
e teme seu fim.”



O esplendor do arco-íris

As esculturas de pedra são impressionantes e guardam notáveis semelhanças com as estátuas esculpidas na Mongólia, uma vez que são igualmente altas, isoladas na paisagem, e sem pernas. No Cântico de Waitaha há alguns indícios, ainda que vagos, da origem asiática dos “Homens de Pedra” (Lu Takapo), cujos possíveis criadores teriam chegado à Ilha de Páscoa guiados por Rongueroa. Isso porque vieram das “montanhas mais altas, o teto do mundo”, as quais não poderiam ser os Andes, pois Kiwa viera de lá, e o cântico insiste repetidas vezes sobre o fato de que a procedência dos três povos correspondia a três origens e correntes totalmente diferentes.

A memória coletiva da civilização da Ilha de Páscoa fala de várias catástrofes, nas quais o fogo desempenhou um papel. Essas catástrofes podem ter sido causadas pelas erupções vulcânicas ou porque “choveu fogo do céu”. É também mencionada uma grande inundação e uma enorme onda vinda do mar, traços das quais foram detectados por arqueólogos. Contudo, a narrativa diz: “O esplendor do arco-íris reafirma a certeza de que a grande inundação jamais voltará e que a terra já não submergirá nas grandes águas. No arco-íris são vistas as cores de todos os habitantes de todas as regiões; o sonho realizou-se: a promessa de paz; e, visto que o fogo ainda deve vir para purificar e curar, nada é dito a respeito do grande fogo.”

Essa passagem do texto é o testemunho da recordação das grandes submersões e calamidades que provocaram a queda de civilizações ainda desconhecidas, que são bem anteriores a essas narrativas dos antigos e até de seus ancestrais. Será que o “centro dos mistérios” da Ilha de Páscoa remontaria a tempos ainda mais antigos? Teria a origem ocorrido em um passado



De tudo quanto foi realizado pelos waitaha, nada era desprovido de significado. No entanto, o simbolismo de seus desenhos rupestres, onde podemos ver barcos, serpentes e homens dançando, é ainda em grande parte incompreendido. Esses desenhos foram descobertos há dois séculos, nas grutas de Hazelburn-Blacklers, no distrito de Timaru, na Nova Zelândia.

“Na Luz está a vida e a compaixão,
na escuridão, só existem trevas.
Na Luz, o sonho não conhece fronteiras,
na escuridão, o sonho é deformado,
não consegue encontrar seu início
e teme seu fim.”

ainda mais longínquo? Teria o conhecimento original da humanidade sido depositado nesse local, passando pelo “centro dos mistérios” do deserto de Gobi no interior da Mongólia? Será que as informações a respeito das grandes inundações e da aparição do arco-íris também proviriam desse conhecimento?

O maxilar inferior e o maxilar superior

As tradições dos waitaha e de outros povos antigos não mencionam nada de concreto relativo aos ensinamentos dos mistérios, das iniciações ou dos cultos. Contudo, é possível discernir claramente dois níveis de conhecimento e de sabedoria: as histórias sagradas do “maxilar superior” e da voz do “maxilar inferior”.

O que compete ao maxilar superior é estritamente secreto, e somente é conhecido por um pequeno número de eleitos reconhecidos como “os mansos” – pessoas que eram preparadas desde o nascimento. “O poder do maxilar superior” jamais foi confiado a quem vive apenas para si, sem pensar nos outros. Ele jamais vem para aqueles que são “possuídos pela cólera e que causam sofrimento”. Somente têm acesso a esse conhecimento as pessoas possuidoras de uma consciência fora do comum e longamente educadas e providas de grandes dons espirituais. Essas pessoas têm ligação direta com os “ancestrais do mundo” e participam de algo como um saber original, cuja autenticidade ressoa na tradição verbal, fielmente retransmitida sem interrupção.

A voz do “maxilar inferior”, ao contrário, não está ligada à lei do silêncio. Suas histórias “chamam jovens e velhos para junto do fogo, onde vivenciam mundos mais reais do que aquele que podem tocar, mais perceptíveis do que aquele que podem ver com os olhos, mais belos do que aquele que até então foram capazes de observar”. Cada uma dessas histórias é como uma semente que, não importa onde germine, será sempre reconhecida por aqueles que a ouvem e que revelarão seu profundo significado. A paz mútua, a harmonia com a natureza, um grande conhecimento dos processos vitais e das energias dos campos etéricos caracterizam essa antiquíssima cultura do Ocea-



Máscara Maori

“Somos todos filhos de Tane Mahuta, todos originários da terra vermelha, em que tomou forma a primeira mulher. No entanto, embora os filhos se mantivessem retos e benevolentes sob a luz do sol, outros se curvavam na escuridão, alimentados pela ira e a dor. Os filhos da paz são como os ramos nutridos pela Terra-mãe: eles buscam a Luz e se estiram sempre mais para o alto, assim como o fazem as árvores da floresta. Os filhos da escuridão crescem como plantas mutiladas: seu espírito se confunde com as raízes e os galhos; frustrados, atacam a si próprios. Sua raiva alimenta-se de crescer sem projetos, de mover-se em todos os sentidos, para se fechar, enterrar-se e fazer o mal. A escuridão se esqueceu da beleza da árvore que se mantém ereta. Enquanto eles marcharem sob o rufar de tambores, os filhos de Tu Ma Tauenga serão como filhos encerrados num espírito incompleto e deformado, aprisionados no corpo, convencidos de que destruir é uma força, buscando refúgio no sofrimento de outrem.”

Então, segue-se a narrativa da chegada dos guerreiros maoris, que foram rápidos em conquistar a nação, porque seus habitantes não ofereceram nenhuma resistência.

Em seguida, vem o final do Cântico de Waitaha:

“E partimos em paz. Não houve batalhas, nada além de nossos mortos, nossos jovens, os velhos, as mulheres, os homens, todo mundo. E as famílias perceberam que o círculo se rompeu. Houve um tempo em que fomos numerosos como os grãos de areia da praia, e agora não somos mais do que apenas alguns poucos.”



A denominação comum de *Waitaha* estendia-se entre três povos diferentes. Os moriori ou maeroero, medindo 1.80m de altura, conhecidos como tocadores de flauta de madeira cumaru. Os urukehu de pele clara, denominados “passeadores estelares”, navegadores que sabiam ler as estrelas a fim de se orientarem. Os kiritea, ou “povos da pedra”, originários da Ásia, que trouxeram consigo as pedras de jade. Esses três povos ocuparam as inúmeras ilhas do Pacífico Sul desde 400-450 a.C. Sua civilização soçobrou no decorrer do século 17 sob os golpes dos invasores maoris.

no Pacífico. De maneira geral, seu ambiente era “puro”, as energias espirituais e sutis quase não encontravam obstáculos. Isso também é válido para a Nova Zelândia, onde, por exemplo, podemos notar nas plantas e nas flores um colorido extraordinariamente vivo. Não havia ali mamíferos superiores, e a presença humana surgiu bem mais tarde que em outros lugares.

Qualidades notáveis

Os habitantes originais, que nos deram a conhecer o Cântico de Waitaha, viviam em harmonia com o meio ambiente. Eram afáveis, inclinados à harmonia e evitavam tanto quanto possível o conflito, a cólera e a irritabilidade que, aliás, eram punidos. Eram bastante tolerantes; contudo, expulsavam os violentos de sua comunidade. Assim que ameaças e conflitos foram introduzidos em sua região pelos conquistadores estrangeiros, como os maoris, souou a hora do declínio da cultura pacífica. Esta não pôde coexistir com a presença de invasores de mentalidade brutal e irrefreada.

Além das qualidades já mencionadas, os habitantes originais das ilhas do Pacífico tiveram de desenvolver extraordinária coragem e perseverança. Os rapazes e as moças com essas qualidades eram selecionados para viagens marítimas. Em suas idas e vindas pelas imensidões oceânicas, da Ilha de Páscoa para a Nova Zelândia e América do Sul, em canoas feitas de troncos de árvores, eles não tinham qualquer outro auxílio além das estrelas do firmamento.

Retorno pacífico da cultura da Ilha de Páscoa?

Nas últimas décadas, muitas almas da nova geração, principalmente na América, introduziram na Europa e em outras partes do mundo um novo e surpreendente movimento. Essas almas, portadoras de valores como paz, amor e um relacionamento totalmente novo com a natureza, podem conduzir-nos a uma nova consciência quanto ao nosso meio ambiente. Será possível que antigos impulsos da civilização da Ilha de Páscoa se tornem viventes numa forma adaptada à nossa época? Será que poderemos assistir à eclosão de uma nova civilização na qual os valores de paz e conhecimentos concernentes às forças vitais sejam de novo ensinados e praticados intensamente por mil anos?



Fontes

Traduzido, condensado e retrabalhado com base em três artigos de Winfried Altmann, publicados em *Das Goetheanum*, 1997-1998.

Nesta série de artigos, a autora resume a obra *Song of Waitaha, The Histories of a Nation, Being the Teachings of...* (um coletivo de autores), Barry Brailsford editor, Ngatapuwaie Trust, Christchurch, 1994, edição ilustrada. Os fragmentos dos cânticos que aparecem em nosso artigo são extraídos daqueles que foram publicados na obra de Winfried Altmann.

Rochedo na praia de Christchurch, Nova Zelândia

O poder do verbo em Atenas

Impressionado pelos antigos edifícios gregos tão imponentes, um ser humano só pode contemplar a si mesmo e nada mais. O que me tornei? Como foi que isso aconteceu? Uma viagem a Atenas significa o mesmo que descobrir o mundo inteiro dentro de si mesmo. E isso passando da fascinação à compreensão, pois os mitos, as esculturas e os templos situam o ser humano em uma perspectiva mais ampla e lhe oferecem um vasto horizonte para contemplar.

Talvez você tenha uma vivência do sagrado para além do tempo e do espaço, uma experiência intensa que nunca vai conseguir esquecer, algo que traz uma nostalgia só de pensar nisso. É como se fosse um espaço luminoso em sua vida, que nunca mais vai abandoná-lo. É impossível dizer o que é isso e você não consegue falar a respeito disso com ninguém. Para você é uma vivência sagrada, um mistério. Logo que você ficou adulto, isso acabou ficando em segundo plano. Apesar disso, às vezes você ainda deseja reviver essa experiência profunda de querer ser um novo ser invadido pela grandeza e pelo sagrado que existe nessa cri-

ção na qual você um dia já se perdeu. Uma vez, um instante, e isso volta como um milagre, um reencontro ou uma mão estendida.

O caminho da vida

Essa necessidade que você sente de dar um sentido lógico aos acontecimentos e gestos é sinal de um espírito sadio. E esse desejo de ter uma meta na vida não é estranho: muitas pessoas sentem essa necessidade. Mas, na maior parte do tempo, somos empurrados pela própria vida para determinada direção. É por isso que acontece – ou não – um encaminhamento pessoal. Algumas pessoas são cheias de entusiasmo e usam bastante sua vontade própria. Apesar de tudo, elas às vezes encontram obstáculos e estradas fechadas. E não importa que a gente diga “Tá bom, isso aconteceu assim” ou que a gente se volte contra a dificuldade de compreender o que aconteceu. Parece que cada indivíduo, para encontrar seu lugar, tem de seguir um caminho pessoal, um caminho de vida com base em encontros e possibilidades oferecidas para seu processo de desenvolvimento espiritual.

Buscar o fio da meada

Conforme o fio dos séculos foi se desenrolando, muita gente trabalhou, se esforçou, se inspirou, ensinou e contribuiu

para o crescimento da compreensão, da consciência e de tudo o que era necessário para que nós pudéssemos nos tornar verdadeiros seres humanos. Nesse sentido, olhem só alguns exemplos tirados da herança da Grécia.

Os mitos gregos sobre a gênese do mundo, dos deuses e dos homens são narrativas onde estão ocultos vários ensinamentos sobre o encaminhamento do ser humano e a estrutura de sua psique. Essas narrativas nos desafiam e sintonizam profundamente com nossos questionamentos sobre a razão de nossa presença aqui embaixo. É interessante observar que muitos adolescentes, mesmo agora, de repente demonstram grande interesse por esses mitos. As pequenas estátuas brancas, muito simples, da antiquíssima civilização das Cíclades, têm os braços cruzados e o rosto voltado para o alto. Para quem? Para onde? Para uma divindade ou para o vasto Universo e suas estrelas?

Parece que elas estão pedindo ajuda para encontrar uma

À esquerda: as Ilhas Cíclades situam-se em círculo à volta da Ilha de Delos. O tipo de ídolo, tal como está aqui representado, levou milênios para ser produzido. Seu significado religioso está relacionado ao culto da divindade Mãe da Anatólia, que é mais antiga ainda. À direita: o templo grego de Hefístos em Atenas data do século 5 a.C.



orientação, um direcionamento em seu caminho de realização. As esculturas que se chamam Kouroï (rapazes) e Kouraiï (moças) são estátuas grandes, cinzeladas magnificamente em pedra mármore, com um sorriso misterioso, trabalhado sutilmente, como se ligado a uma lembrança, um profundo movimento da alma.

Descobrir possibilidades

É num lugar como esse que se encontra precisamente o templo de Delfos, cujo frontão traz a seguinte inscrição: "Conhece-te a ti mesmo!" Na Grécia encontramos grandes pensadores: Sócrates, que queria despertar a criança que existe nos homens e torná-los consciente daquilo que os habita e que deseja ser conduzido à maturidade; Platão, que nos convida a sair de nossas

cavernas e de tudo o que elas representam, para chegarmos à luz viva, onde não há sombra. Afinal, os seres humanos precisam trabalhar em si mesmos, descobrir o mundo em seu foro íntimo!

No Areópago, a colina da alta corte de justiça da antiga Atenas, Paulo, o mensageiro do Deus desconhecido, fala de Jesus Cristo, a força da Alma-Espírito que está oculta no ser humano como uma

semente, e que representa uma oportunidade mais ampla de evolução. Em Corinto, os homens precisam seguir seu próprio caminho em meio a ensaios e erros. Assim como os coríntios, também recebemos repetidamente esta mensagem: "Assim restam a fé, a esperança e o amor, mas o maior é o amor". Quem busca recebe os dons do Espírito e se torna, assim um Novo Homem.





Ao lado: um *kouros*. No tempo da aristocracia (650-600), os *kouroi* representavam o ideal da virilidade e também da riqueza dos doadores. O povo lhes atribuía forças mágicas
Abaixo: aos pés da Acrópole, o velho teatro de Herodes Atticus

Como é longo o caminho no mar da vida!

Como é magnífico o processo de desenvolvimento da consciência, mas como é longo o caminho...! Os rosa-cruzes do século 17, em sua profissão de fé, *Confessio Fraternalitatis*, falavam sobre um "guia eternamente inalterável que ultrapassará todas as tribulações e tomará o lugar da perdição e das trevas". Que guia é esse? Quem seria ele senão a força da rosa, que sustenta a Fraternidade? Não é verdade que é a força crística que impulsiona nosso universo interior?

Dentro de nós pode nascer a borboleta real. Podemos seguir conscientemente o caminho e responder ao Espírito de Deus – portanto, podemos nos tornar os executores de seu Conselho.

Paulo diz aos efésios (habitantes da fronteira): "É um dom de Deus. Não vem de vós. Não vem de vossas obras." Essas palavras parecem contradizer a necessidade de nosso engajamento pessoal, mas indicam, na verdade, que devemos tomar como referência valores muito diferentes, que somente podem ser bem compreendidos por uma guinada da alma. Em sua época, Lao Tsé disse: "Aquele que conhece a si mesmo é iluminado. Aquele que conquista a si mesmo é todo-poderoso."

Quando a rosa desperta em seu coração, o ser humano encontra uma nova bússola. Na força da flor, ele tenta seguir suas instruções. Etapa por etapa, ele vai seguindo a luz que brilha a seus pés. São inúmeros os que seguem a indicação do Ensino Universal e a força da Escola Espiritual, que os envolvem e os auxiliam, oferecendo-lhes um fio condutor.

Manter o rumo

Desse mar azul que reflete os raios do sol partiam os navios gregos para a descoberta do mundo, para fazer trocas, compras e vendas. Às vezes, eles ainda nem conheciam a rota. Então, o capitão dava o curso a ser seguido e as estrelas eram seu guia. O capitão tinha que confiar na competência, boa-vontade e experiência de sua tripulação e também na robustez e na qualidade de seu navio. Mas

muitas vezes as ondas ficavam cinzentas, ameaçadoras e perigosas e o navio sofria avarias e podia até se perder no mar – no mar da vida.

Sem dúvida você está no bom caminho, mas será que tem força e habilidade suficientes para terminar o trabalho no decorrer de sua vida tão curta? Talvez você precisasse de uma próxima existência para continuar a trabalhar...! Mas os atos verdadeiros de vitória sobre si mesmo, de transformação, de tomada de consciência jamais irão se perder! Todos serão beneficiados com a sua plenitude. Pense sobre isso: "Uma verdade colocada à disposição dos seres humanos, por meio de seres humanos": aí está o significado do trabalho em comum, principalmente na Escola Espiritual. Na Ágora de Atenas descobrimos também o templo ainda intacto de Hefaios, o deus do fogo, expressão da beleza. ★



Acrescentar traços luminosos

No século 16 pensávamos que existia uma relação misteriosa entre os metais e as estrelas. O brilho do ouro devia ter um parentesco com o céu. Em seu livro *As palavras e as coisas*, Michel Foucault fala das crenças segundo as quais a Providência enterraria filões de ouro e de prata no solo, e então os faria aumentar lentamente de volume, tal como as plantas que crescem e os animais que se reproduzem. Víamos também uma relação entre tudo o que era útil para os homens e as veias brilhantes de metais que cresciam escondidas na obscuridade da terra.

A primeira vista, essa concepção do século 16 pode parecer estranha, mas, olhando mais de perto, ela demonstra perspicácia e sabedoria. Porque, quando aplicada às pessoas que ardorosamente buscam o divino, ela serve para todos e para todas as épocas: por efeito de uma profunda transformação proveniente da pérola de ouro – que está presente em cada um de nós – nascem novos desejos, novas exigências, uma necessidade. Dessa forma, há cada vez mais ouro circulando nas veias. Se esse aumento do ouro “do baixo” pudesse fazer seu trabalho, isso suscitaria um maravilhoso brilho estelar “do alto”. O resultado seria desenvolvimento e crescimento debaixo da terra, nela e acima, para além dela.

Esta época traz possibilidades magníficas para consolidarmos uma fraternidade

O homem sabe que o ouro é precioso. Com a ajuda de asas de ouro, você pode voar entre a terra e o céu.

Graças a fios de ouro, você pode tecer uma teia em torno da terra. Calçando sapatos de ouro, você deixa traços luminosos por onde passa.

Em seu texto “Fraternidade – em defesa de mais união” (dezembro de 2015), o vice-presidente da comissão europeia Frans Timmermans nos pede para renovar os laços antigos e estabelecer novas alianças. Não como um objetivo em si, mas como um meio de fortalecer a comunidade e de dar a cada

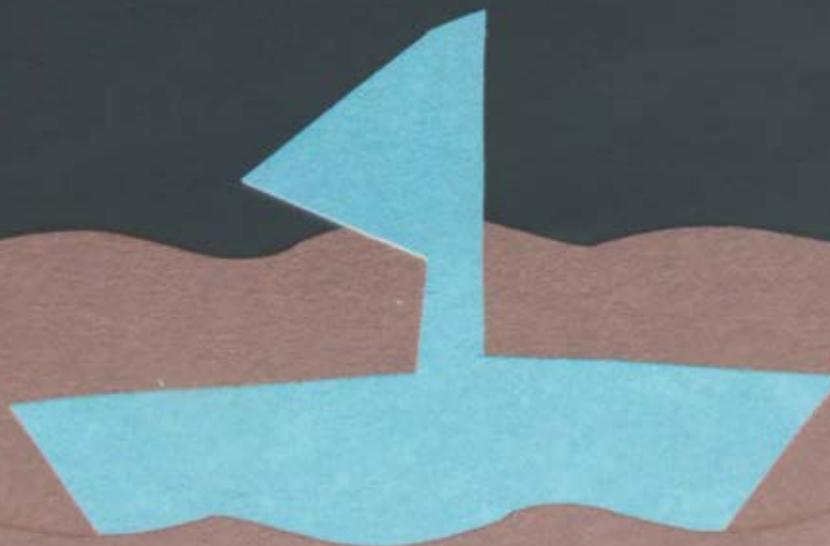
um a oportunidade de cultivar o melhor de si mesmo. Todos devem encontrar a oportunidade de se inspirarem mutuamente a fim de crescer e também oferecer aos outros o espaço para fazerem o mesmo. Frans Timmermans expressa sua compreensão com o grande número de pessoas que anseiam por mais unidade, liberdade e fraternidade. Ele ressalta a fraternidade para que fortaleça a comunidade humana, mesmo quando as primeiras reações a esse objetivo possam ser do tipo: “isso é impraticável, inviável, utópico, olhe ao seu redor, é sobre-humano”.

Evidentemente, é necessário que cada vez mais o único desejo de nosso ser, de nossa pequena pessoa, seja, literalmente, alcançar uma fraternidade, uma sociedade na qual possamos viver sem inimizade. Se as pessoas do século 16 pudessem dar uma olhada em nossa época, elas diriam, provavelmente, que a Providência tem tanta capacidade de fazer previsão que, assim como o ouro das minas, todos os links que tecem nossa rede web mundial “www” devem ter uma utilidade. As possibilidades atuais para criar uma fraternidade são evidentemente grandiosas, pois é possível nos conectarmos ao mundo todo! Na trama de todas essas linhas, de todas essas ligações www, podemos depositar gotas de ouro que brilharão ao sol – mesmo se isso exigir atos heróicos ou sobre-humanos! Assim, poderemos tecer uma teia de ouro e deixar por lá traços luminosos. ★



O barquinho de papel

J. Anker Larsen (1874-1957)* tornou-se célebre pela publicação de seu livro *A pedra dos sábios*. Sua observação rigorosa da vida real ultrapassava tudo o que a Igreja, o esoterismo e a mística propunham. *O barquinho de papel* é um de seus primeiros textos (1908). Nele já se revela sua percepção lúcida, que apaga as fronteiras entre este mundo e sua metade desconhecida.



A

J. ANKER LARSEN

casa era magnífica, o jardim bem cuidado, e era o mais lindo dia de outubro, mas o engenheiro Borglum não estava prestando a menor atenção. Uma de suas crises tinha acabado de acontecer novamente: às vezes ele nem conseguia mais suportar ver o que quer que seja – nem sequer as mínimas coisas que lhe pertenciam. Essa era a razão pela qual ele não tinha ido ao escritório naquela manhã.

Ele levantou os olhos em direção ao céu. As folhas das árvores caíam lentamente. Todo outono era a mesma história!

Esses ataques de “já não aguento mais” que faziam que tudo saltasse pelos seus olhos estavam se repetindo cada vez mais frequentemente. Como os cabelos ralos em sua cabeça e as folhas que caíam das árvores, tudo o que antes o interessava agora o estava abandonando. O mundo parecia vazio, triste e feio: exatamente como ele.

E ele nem tinha cinquenta anos! Com sua saúde de ferro, ele corria o risco de viver pelo menos uns vinte ou trinta a mais. Já havia conhecido de tudo em sua vida: pobreza, trabalho pesado, viagens, luxo e todos os prazeres possíveis e imagináveis. Na verdade, para ele já não havia mais nada de novo sob o sol e mais nada que ele tivesse o prazer de reviver. Se pelo menos ele sofresse de uma ou outra dessas doenças que exigem maiores cuidados... Ele não conseguia sequer imaginar o que pudesse vir em seu auxílio para fazer passar o tempo. Dormir? Sim, podia ser. Mas ninguém pode fazer isso o tempo todo.

No ano anterior, ele havia feito uma viagem ao Congo com sua mulher. Ela queria saber como era lá. Ele, por sua vez, bem que preferiria ser picado por uma mosca tsé-tsé, mas não tinha nem uma sequer por aquelas bandas. E o Congo, ele já tinha visitado tantas vezes que tanto fazia partirem juntos nessa viagem até lá ou ficarem em casa: dava no mesmo.

Antigamente, viajar tinha sido sua vida e sua paixão. Aquela época tinha sido bem agitada. Talvez ele tivesse dedicado tempo demais e muito ardor àquelas viagens em sua juventude! Ah! Se pelo menos ele ainda pudesse viver alguma coisa nova, qualquer coisa...!

Ele voltou para casa sem sequer olhar para sua bela mobília e suas preciosas obras de arte penduradas na parede.

Pensando em todas as vezes que tinha exibido esses tesouros para seus convidados boquiabertos, sentiu que já estava realmente cansado de si mesmo.

Decidiu, então, ir até o quarto das crianças. Ali, pelo menos, ele não encontraria nada “daquilo tudo que um homem precisa possuir”, como se diz.

Mas, quando chegou lá, começou a dar pontapés cheios de raiva nos brinquedos mecânicos espalhados pelo chão. Todo trabalho ao qual ele já não queria dar a mínima atenção parecia estar ali representado: o que estava espalhado pelo chão era todo o seu trabalho de engenheiro, realizado em todas as partes do mundo.

Ele se deixou cair em um sofá e entregou-se ao seu humor negro. Tudo – tudo o que

ele havia realizado no decorrer de anos e anos – começava a visitar sua memória. E isso acontecia justo na hora que ele estava para pegar no sono. Estirou o corpo, pronto para suportar esse suplício que já conhecia há tanto tempo. Então, foram surgindo algumas imagens: um túnel na Pérsia, uma rede ferroviária no Sião, algumas pontes na China, trabalhos de eletricidade na Suécia.

E, no meio de tudo isso, de tempos em tempos ia surgindo uma coisa branca, que ele não conseguia distinguir com clareza. Mais uma vez ia repassando toda a série, de A a Z, para acabar de novo naquela coisa branca que ele não conseguia identificar.

Isso começou a despertar seu interesse e ele prometeu a si mesmo que iria prestar atenção logo que visse reaparecer a coisa branca.

Talvez fosse uma espécie de saco de papel com um pó sonífero dentro... As imagens de tudo o que ele havia feito eram como marteladas dentro de sua cabeça. Depois, elas iam se transformando em uma massa disforme de rodas de todos os tamanhos, que ficavam gravitando em torno dele: rodinhas, rodas grandes, na terra e na água, e, de quando em quando, sempre aquela coisa branca.

Pouco a pouco, as rodas foram ficando cada vez menores e a coisa branca cada vez maior.

De repente, todas as rodas mergulharam como por encanto no fundo do mar. Mas a coisa branca já estava preparada para navegar e continuava lá, diante de seus olhos, flutuando sobre as ondas.

Subitamente ele compreendeu o que era a única coisa indestrutível que ele havia produzido até aquele momento: um barquinho de papel!

E agora, como todo o resto havia ido embora, ele tinha de subir a bordo desse barco.

No castelo de proa deslizava um pedaço de papel.

– Parece que conheço isso, disse para si mesmo. E em seguida escutou:

– Claro que você me conhece. Eu sou o homem.

– Que homem?

– O homem que estava a bordo. Eu naufraguei e até me afoguei por sua causa.

– É verdade! Agora estou me lembrando muito bem de você – disse Borglum. Estou feliz de ver que você não morreu. Então, você é o capitão?

– Sou eu mesmo. Você subiu a bordo porque já está pensando em um destino bem preciso?

– Sim, disse Borglum. Quero ir embora – partir!

– Bom, então vamos zarpar – respondeu o homem.

– Mas você conhece a rota?

– Claro! A maior parte da viagem acontece no meio-fio.

– Na sarjeta? Você poderia me conceder sua amável atenção para perceber que eu pertenço à ordem dos cavaleiros?

– Ótimo! O meio-fio vai somente ter uma aparência melhor – observou o homem. Mas agora não podemos nos dar ao luxo de ficar conversando muito, pois precisamos ter cuidado para não bater contra algum obstáculo.

– Contra o quê, por exemplo?

– Contra todas as rodas, pequenas e grandes. Se batermos uma vez só contra qualquer uma delas, nunca mais poderemos partir de novo.

– Só para constar: esse é um belo navio, disse Borglum. Sei que fui eu mesmo que o construí, mas não consigo perceber o que o torna tão excelente.

– Ah, é muito simples – disse o homem. É porque ele não serve para nada!

Borglum começou a rir com gosto. Estava tão contente que se sentiu leve e aliviado, como se a força de atração da Terra tivesse sido abolida.

– Quando eu voltar para casa, vou contar para todo mundo – disse ele. Vou contar às pessoas que o mistério do Universo foi resolvido e que eles já não precisam se preocupar com isso.

A única
coisa durável
de tudo o que
ele havia
produzido
era um
barquinho
de papel e
ele precisava
subir a
bordo

.....

Ele continuou a rir, feliz. O homem olhou para ele e disse:

– Estou vendo que é muito bom rir sem motivo.

– Não estou rindo por nada. Estou rindo porque você está me fazendo cócegas! Como o que você está me fazendo cócegas?

– Com isto! – disse o homem, enquanto lhe estendia uma peninha branca.

Borglum examinou a pena que servia de remo.

– Tenho a impressão de que conheço essa pena. Ela é feita de quê?

– De tudo o que você se esqueceu.

– E você me diz isso só agora? – comentou Borglum. É incrível como ela é branca e suave. Posso ficar segurando mais um pouco?

– Sim, mas só se você também aceitar segurar o timão. Fique de olho na pena e vá dirigindo o barco com precisão na direção que ela for mostrando para você. Fique atento! Durante todo o tempo que estivermos navegando no meio-fio, precisamos nos espremer entre as rodas grandes e pequenas!

– Mas, meu Deus! Por que será que todas essas rodas acabaram caindo no meio-fio? – perguntou Borglum.

– Por causa da utilidade delas. Tudo o que é útil acaba no meio-fio. Se não fosse assim, iria faltar lugar para todas as coisas úteis que os outros fazem.

– É claro. Está bem. Vou segurar o timão.

– E eu vou cuidar do motor.

– Motor? Onde é que ele fica?

– Dentro de você! Parece que você ficou muito bobo esses anos todos. Você se esqueceu mesmo de que o barco só pode navegar se você mexer os dedos?

– Foi mal. Acho que envelheci antes da hora.

– Pois é. Você caiu no meio-fio com todas as outras coisas úteis. Agora, precisa encontrar o caminho certo de novo.

– E como é que vamos fazer?

– Vamos dizer que é só sair em busca de águas mais profundas. Cara, você não está nem prestando atenção nas paisagens à sua volta!

– É, não mesmo. Não é isso o que me interessa, diz Borglum. Já sei tudo isso de cor. Tudo é igual, em toda parte, como sempre foi. Mas adoro velocidade: gosto muito!

– É. É quase a única coisa que sobrou de você. Mas o que vai acontecer quando você ficar velho e lento?

– Ah, já pensei nisso. Para dizer a verdade, eu já poderia muito bem me deitar e morrer. O homem lançou um olhar furtivo em sua direção e sorriu:

– Por que você está rindo de mim, olhando de canto? – perguntou Borglum.

– Ah, não me atrevo a dizer agora. Mas logo que nossa viagem terminar você vai perceber. Aonde você quer ir?

– Partir! Ir embora!

– Ah sim. É uma escolha inteligente, de verdade.

– É o único lugar para onde eu nunca fui! – disse Borglum.

O homem sorriu novamente.

Borglum, que estava começando a se interessar pela paisagem, falou logo em seguida:

– Vamos ancorar aqui por um tempo. Nunca vi um lugar tão bonito!

– Bom, então vamos parar, mas de repente vai ser o fim da viagem.

– Ah, então é aqui que fica “Partir”?

– Não! Vai ser só na próxima parada. Agora a viagem vai continuar na Terra.

– Mas onde é que estamos? Como se chama este lugar maravilhoso?

– Pensei que você soubesse. É aqui. Veja!

– Sim, disse Borglum, estou lembrando agora. Estou reconhecendo! Realmente é aqui. Veja, aquela árvore é o salgueiro e olha só a piscina onde a gente ficava fazendo os barquinhos navegarem.



Ele olhou para o alto, através dos galhos do salgueiro. É primavera! Quando ele havia embarcado era outono. Normal: tinha sido uma longa viagem. Seus olhos se encheram de lágrimas. Ele exclamou:

– Não acredito que esse salgueiro ainda existe! Pensei que ele tivesse desaparecido faz tempo!

O homem continuou rindo.

– Por que você está rindo de mim? – perguntou Borglum.

– Ah, logo você vai ficar sabendo, quando você partir.

– Mas como é que eu vou fazer para partir? Aqui não tem trilho de trem, e ninguém vai chegar e me obrigar a construir um.

– Você ainda está pensando nisso, como fazia antigamente?

Borglum levantou os olhos para o salgueiro. Um galhinho se inclinou e acenou para ele.

De repente ele foi tomado por uma crise de riso muito louca e respondeu:

– Antigamente, eu pegava o carro para dar partida.

E antes mesmo que percebesse o que estava fazendo, ele foi quebrando o galho e colocando entre as pernas. Depois, olhando para o homem com um ar de surpresa, lhe disse:

– Meu Deus! Parece que ele está vivo!

– Claro – respondeu o homem. É como você sentia antigamente!

– Isso mesmo, como antigamente! – disse Borglum rindo muito. Mas, espere! Desde aquela época muitas rodas rodaram no meio-fio e eu preciso reaprender muitas coisas. Você pode me dizer se esse animal está realmente vivo ou é um simples fruto da minha imaginação?

– Não quero dizer nada, pois, se eu me atrevesse a dizer, ele morreria.

– Se ele pode morrer é sinal de que está vivo!

O homem começou a rir novamente e explicou o porquê:

– Sim, a gente sabe disso! Quando você encontrar uma lógica, vai ter certeza de sua missão. É divertido, não?

– Pode-se dizer que, na maior parte do tempo, ficamos tentando verificar se a lógica se confirma na prática.

– Então tente nesse caso, disse o homem. Veja se você pode montar nele.

Na mesma hora o cavalo começou a trotar.

– Ei, animal! – gritou Borglum. Você está voando na direção do Céu!

– É natural, disse o homem. Afinal, ele é uma parte da árvore e ela cresce em direção ao Céu. Agora, preste atenção para não sentir vertigem!

– Sentir vertigem, eu? Sempre voei durante a vida toda, meu amigo!

O cavalo ia galopando, levando Borglum lá para o alto, rumo ao Céu. Borglum sentiu-se tomado por profunda inspiração.

Era como se, em uma bela manhã, ele tivesse saído bem cedinho, e, aspirando o ar, a primeira golfada tivesse tirado dele todo cansaço.

E isso durou bastante! Cada vez que respirava, a golfada de ar era maior que a anterior e ele começou a refletir: “Que incrível! Claro, sempre tem alguma coisa que vem antes do primeiro alento, mas o que eu não consigo entender é que, na prática...”

– Oh, desculpe!

Surpreso e emocionado, ele desviou um pouco. Diante dele, debaixo do salgueiro, lá estava uma jovem tão bela, que ele imaginou que era feita todinha daquilo que, desde a origem do mundo, concede às mulheres sua beleza.

Ele ficou lá, parado, contemplando a jovem, sem conseguir pronunciar uma palavra sequer. Nada mais existia! Ele havia “partido”!

– Você estava ocupado em debater consigo mesmo – disse ela.

– É... Era justamente... justamente alguma coisa a respeito da minha respiração... um





J. Anker Larsen

frescor... Eu não estava conseguindo compreender como isso pode durar tanto!

– Isso é porque, aqui, tudo se cria ou ressurge – disse ela.

– Tudo se cria ou ressurge?

– Isso mesmo. Aqui é a eterna ressurreição – respondeu ela.

– Você usa umas palavras tão antigas! Você está dizendo que aqui a gente está sempre desperto, mesmo quando está dormindo?

– É. É uma maneira de dizer.

– Mas, onde é que nós estamos, de verdade?

– No Céu – respondeu ela, simplesmente.

– Como?

Ela o encarou com tranquilidade, sem responder. Lá de cima, ele continuou:

– Por favor, senhorita, não me queira mal, mas sou um homem educado e instruído. Tenho comigo minha concepção moderna do Universo e posso lhe assegurar que não existe, em nosso Cosmo, nenhum lugar para o Paraíso.

– É claro! Afinal ele está dentro de nós – respondeu ela.

– Acho que é uma linguagem um pouco ultrapassada. Você poderia dizer isso de um modo mais adequado? No entanto tenho de admitir que esse frescor, essa doçura, esse bem-estar, essa felicidade... se realmente existe um Paraíso, ele deveria ser exatamente assim. É! E realmente é tudo isso que estou sentindo dentro de mim. Mas o que eu não consigo realmente compreender é como isso entrou em mim.

– Toda vez que nasce uma criança, Deus cria novamente o Céu e a Terra – diz a jovem.

– Você está pensando... – começou a dizer Borglum.

Mas a jovem continuou, tranquilamente:

– Para cada criança, a Terra realmente se recria como nova. Nenhum pé jamais a pisou antes que o pequeno tenha começado a andar. O Céu é azul, a Terra é verde, mas ela

fica feia e cinzenta e o Céu fica vazio a partir do momento em que o próprio homem fica cinzento, feio e vazio.

Borglum estava seguindo a trama de seu próprio processo de pensamento e por isso não percebia bem o que ela estava dizendo.

– Espere aí – disse ele, cortando a palavra. Agora mesmo você queria me falar de Deus.

Antes de chegar a esse tema, já quero deixar claro que não acredito nisso.

– Não, você não é alguém que acredita, mas agora está sendo.

– É. Isso também é uma verdade incontestável – disse Borglum. Sou.

– E são as próprias palavras de Deus que estão passando através de seus lábios.

– Ah, minha cara senhorita! Sou engenheiro civil.

Mas a jovem ainda não havia terminado:

– Deus diz: “Eu Sou”. Foram essas palavras que criaram o mundo. Todo homem que diz “Eu sou” está confirmando, necessariamente, a existência de Deus.

– É! Éu sou – repetiu Borglum. É claro que eu sou. Mas o que eu sou, de fato?

A jovem lhe estendeu um espelho e Borglum ficou olhando para ele. Foi quando viu um menininho de sete anos montado em um ramo de salgueiro, como se fosse seu cavalo de madeira.

– Esse sou eu?

– Sim! É como você era, quando morreu.

– Peraí! Não precisa exagerar! – protestou Borglum. É a idade que eu tinha quando fui à escola pela primeira vez.

– Isso mesmo – disse ela. Foi aí que você pegou a doença.

– Mas eu nunca fiquei doente! Posso perguntar de que é que eu morri, de acordo com a sua teoria?

– Seus professores o envenenaram.

– É. Pode ser que aí exista alguma verdade – disse Borglum. Mas, acho que até cresci bastante, mais para magro, e nem me importava com eles.

– Quando você estiver um pouco mais acostumado com essa luz daqui, você vai poder observar tudo isso no espelho – disse ela.

Por um momento, ele fixou sua atenção naquilo que se apresentava a ele.

– Sim. Agora estou vendo, realmente! – gritou. Um metro e oitenta de altura! Mas quase que inteiramente oco, vazio! Não quero mais ver isso. Nem pensar!

Ele ficou olhando alguns instantes para o salgueiro e a piscina.

– Como é bom aqui! – exclamou. É um lugar realmente... abençoado!

Seu olhar deslizou até ela e ele ficou maravilhado novamente, ao ver como uma criatura podia ser tão bela. No entanto, era uma mulher madura, adulta. Ele disse para si mesmo o quanto gostaria de crescer, ficar adulto, grande e bonito como ela. Talvez um dia ela ainda se apaixonasse por ele!

– Quando eu for grande, você acha que você..

Ele se calou e fixou o olhar no salgueiro e na piscina. O que ele podia oferecer para ela era tão insignificante! E, além disso, ele não podia realmente imaginar que ela pudesse escolhê-lo apenas por ele ser ele mesmo.

– Parece que o Reino do Céu é tão pequeno! – disse ele.

– O que nós poderemos fazer aqui se você não fez nada para que ele crescesse?

“Nós”?... Quer dizer que... Então, certamente deve haver mais pessoas envolvidas – pensou ele. Com certeza era uma grande empreitada.

– Você trabalha aqui? – perguntou ele.

– É. Pode ser. É um jeito de se ver isso – respondeu ela, sorrindo.

– Você trabalha como...

Ele começou a pensar: como digitadora, contadora... Não. Ela tinha um perfil diferente.

Ele a mediu dos pés à cabeça com o olhar e finalmente disse:

– Como... um anjo?



– Se você acha que é assim... – respondeu ela, sempre sorrindo.

– Sim. Essa é a minha opinião – disse ele, decidido. E ficou ali, desejando ardentemente ter alguma coisa gigantesca para lhe oferecer. Seu olhar triste transportou-se para o salgueiro e para a piscina, e ele sentiu-se bem deprimido.

– Meu parque, na Terra, é bem maior! – disse ele, finalmente.

– Enfeitado com belas árvores? – indagou ela.

– É! Pode ser. Quer dizer, não sei mais muito bem... Para mim que o vejo todos os dias, ele é um pouco monótono, mas sempre vêm visitantes que parecem ficar encantados! Além disso, há a nossa equipe que, de tempos em tempos... Meu Deus! Que droga! Eu me esqueci completamente de tudo o que eu tinha de fazer! Hoje de manhã eu não estava de bom humor, mas agora estou me sentindo em plena forma e pode ser que alguma mensagem muito importante esteja me esperando! Por favor, me desculpe! Ele montou em seu cavalo apressadamente e lá se foi para baixo, a todo galope.

– Que diabos! É muito importante! Preciso chegar a tempo no escritório! – gritava ele. No instante em que ele pronunciou a palavra “escritório”, o cavalo morreu ali mesmo e Borglum caiu pesadamente no chão.

Lá estava o homem do barco, inclinado sobre ele:

– Você se machucou?

– Minha anca direita está doendo muito! O cavalo morreu e me arrastou na queda – lamentou-se Borglum.

Ele levantou-se com dificuldade e se pôs a mancar, dando alguns passos enquanto o homem tentava perguntar:

– Será que o animal está mesmo morto ou...?

– Não! É claro que ele está morto – exclamou irritado Borglum – ele nunca esteve vivo de verdade!

– É, mas se ele tinha a possibilidade de morrer é porque ele devia estar vivo. Não é lógico? – observou o homem.

– Ah, me poupe dos seus comentários de sofista! – disse Borglum. Estou com pressa. Preciso ir ao meu escritório.

– Então vamos embarcar – propôs o homem.

– Em um barquinho de papel? Nesse caso, pode ter certeza que vamos afundar!

– Não há outra solução. Se você tem mesmo de ir até seu escritório, precisa pegar o único meio de transporte disponível.

– Eu tenho de ir até meu escritório! – disse Borglum, subindo a bordo.

Era visível que o papel estava se encharcando de água.

– Mais rápido! – gritava Borglum. A todo vapor!

– Estamos navegando o mais rápido possível – respondeu o homem. Mas não podemos correr o risco de fazer o motor explodir.

– E aí? O que pode acontecer?

– Aí o coração vai parar de bater e vamos naufragar. E aqui, nestas águas de verdade, é profundo demais!

Borglum apalpou seu coração: ele estava batendo tanto que parecia a ponto de explodir.

– Estou com febre! – gemeu ele. Sem dúvida é por causa de meus pés, que estão congelando. A água está chegando aos meus joelhos. Ou talvez seja porque, logo que caí, meu quadril ficou realmente dolorido!

A água continuava a subir, a subir... Finalmente, o barco estava cheio até a borda.

– Vamos afundar! – urrou Borglum.

– Mas agora chegamos ao meio-fio – disse o homem.

– Graças a Deus tomei pé novamente! – respondeu Borglum.

Ele escapou a toda velocidade. De tempos em tempos ele esbarrava em uma roda e logo batia o quadril direito. Caiu mais uma vez... e despertou!

Olhou espantado à sua volta. Seu quadril direito estava doendo muito. Levantou-se e

Todo homem
que diz “Eu
sou” está
confirmando,
necessaria-
mente, a
existência
de Deus

.....

começou a apalpar onde estava doendo. Estava deitado em uma peça de trilho de um trem em miniatura...

– Olha só essa bagunça! – grunhiu ele.

– Ei, papai! Você acordou?

Era Paulinho, seu filho, que tinha acabado de entrar.

– É. Acho que cochilei um pouquinho – disse Borglum.

Subitamente fascinado, ele fixou o olhar à sua frente. No chão, havia alguma coisa branca. Ele pôs a mão na cabeça e perguntou, com cautela, como quem não quer nada:

– Paulinho... diga-me uma coisa, filho: esse negócio branco aí, o que você acha que é?

– Isto? É um chapéu de três pontas, como o do palhaço Pierrô.

– Ah, é isso mesmo! – disse Borglum, aliviado. Teve uma hora que eu achei que era um barquinho de papel.

– Também pode ser. É só dobrar mais uma vez. Se eu desdobrar de novo, ele volta a ser um chapéu de três pontas, como o do Pierrô. E se eu dobrar na diagonal é um chapéu de duas pontas, como o de Napoleão.

Borglum ficou tentando refletir.

– Você não brinca com tudo isso? – perguntou ele, apontando para os brinquedos mecânicos que forravam o chão.

– Claro! Sempre – disse Paulinho. Mas, quando fico cansado, ponho o chapéu na cabeça para brincar.

– E então seu cansaço desaparece?

– É.

– Posso tentar colocar o chapéu?

– O chapéu de três pontas, como Pierrô ou o de duas, como Napoleão?

– O chapéu de três pontas, como Pierrô, o palhaço.

Paulinho o coloca na cabeça de seu pai e morre de rir. Borglum teve de rir também e aproveitou para dizer:

– É muito legal a gente rir sem motivo!

Então, carregou Paulinho e o colocou no colo.

– Por que você está me olhando desse jeito? – o menino perguntou. Borglum não respondeu. Ele estava olhando dentro dos olhos de seu filho e se indagava onde ele tinha visto aqueles mesmos olhos, pouco tempo atrás.

De repente, ele percebeu que fora em seu sonho que ele havia visto aquele olhar – os olhos de quem ainda não tinha aprendido a contar.

– Agora estou vendo que você estava dormindo mesmo, papai: seus olhos estão molhados! Isso é o que acontece sempre quando a gente acorda.

– É isso mesmo – disse Borglum. É verdade. Meus olhos estão molhados.

Agora ele lembrava-se bem de que havia olhos parecidos com esses: eram os do anjo no Reino do Céu.

Então, ele falou baixinho:

– O anjo tinha razão: está dentro de nós!

Lançou um olhar furtivo para Paulinho, que estava olhando pela janela.

– É um carvalho, aquela árvore lá embaixo? – perguntou o menino.

– Não. É um salgueiro. Desculpe, estou enganado! É mesmo um belo carvalho, mas ele é tão bonito e está tão vivo que qualquer um diria que é um salgueiro.

Dando mais uma olhada em seu filho, Borglum compreendeu, então, que esse carvalho era um salgueiro para ele.

– Sonhador! – ele disse para si mesmo. É verdade. Cada vez que uma criança nasce, renascem também o Céu e a Terra. E, voltando-se para o filho:

– Paulinho, meu querido! O Céu faz o azul brilhar nos seus olhos e a Terra é verde ao seu redor, em toda parte. Que um não deixe que eu me esqueça do outro! ★





A partir do momento em que, em nossa vida de buscadores, nos elevamos às alturas do nível de vida do Espírito, a Luz e a Força da alma ganham muito mais potência. É nesse momento que elas se tornam dinâmicas e podem atuar efetivamente na Terra. A influência eletromagnética dessa Luz chega tão longe que as tempestades astrais se acalmam. Assim, a Luz pode penetrar e irradiar – e essa é a única maneira pela qual a paz pode se instaurar. A partir daí, só pode haver um efeito: a glorificação do Uno, do Espírito da Vida.

O Triângulo Flamejante

A sombra escura dos seus esguios pinheiros podem sugerir o contrário, mas a região serrana densamente arborizada do sul da Alemanha, conhecida como Floresta Negra, tem há séculos uma atmosfera particularmente espiritual, especialmente em torno do eixo Tübingen-Calw.

Ao longo dos últimos quinhentos anos, pessoas profundamente inspiradas, assim como aqueles à sua volta, divulgaram sua doutrina religiosa nessa região, em linguagem falada e escrita. Referimo-nos, em primeiro lugar, a personalidades como Johan Arndt, Tobias Hess e Johan Valentin Andreae, que deram corpo à personagem mítico-simbólica de Christian Rosenkreuz. E, embora o grande médico Paracelso tenha afirmado que a cura através da água viva emanada da fonte gnóstica fosse incomparável, ele elogiou a fonte de Bad Liebenzell, conhecida por sua ação curativa.

No século 19, na mesma região, viveu Johan Michael Hahn, um homem iluminado, seguidor dos passos de Jacob Boehme, o qual teve uma multidão de seguidores até mesmo em regiões mais distantes. Foi nas cidades de Calw e Tübingen que, durante a primeira metade do século 20, Herman Hesse, originário da primeira delas, viveu e trabalhou. Do lado ocidental, indo em direção ao rio Reno, nas florestas próximas a Malsch, encontra-se um pequeno templo

rosa-cruz construído no início do século 20 segundo as indicações de Rudolf Steiner. Este relatava que, em épocas antigas, ali existira um templo solar. Steiner inspirou-se no estilo arquitetônico desse pequeno templo na construção do centro Goetheanum, sede mundial do movimento antroposófico. Nos anos 20 do último século, Albert Schweizer, nascido na Alsácia, construiu sua casa em Königsfeld. Ali, a 800 metros de altitude, nas profundezas da Floresta Negra, encontrou o repouso e a inspiração necessários para escrever suas obras de caráter profundamente humano e filosófico, enquanto viajava entre Königsfeld e o centro hospitalar Albert Schweizer Hospital, fundado por ele na cidade de Lambaréné, Gabão, no continente africano, para pesquisas de doenças tropicais.

Atualmente, em Calw, encontra-se um centro de conferências rosa-cruz com o nome de Christian Rosenkreuz. Recentemente uma comemoração de grande envergadura aconteceu ali, na presença de centenas de pessoas, para celebrar os 400 anos do empreendimento da aventura espiritual vitoriosa da Fraternidade Rosa-Cruz.



Em lugares de difícil acesso da Floresta Negra e também na região das cadeias de montanhas de Vogesen, ou Vosges, encontram-se menires e notáveis construções de granito e arenito recobertas de musgo e de raízes de árvores. Não muito longe do vale do rio Kinzig, sobre um planalto montanhoso a 800 metros de altitude, vemos um triângulo

de pedra de três metros de altura situado no interior de um círculo de árvores antigas e grandes fragmentos de pedra. Essa estrutura é parte de um complexo de construções de pedra, em parte formada pela natureza, chamada de Heidenkirche (igreja pagã), e que foi possivelmente utilizado como santuário espiritual pelos celtas, na Antiguidade.

Triângulo de pedra próximo ao rio Kinzig, Baden-Württemberg, Alemanha

Cerca de vinte a trinta metros dali, escalando enormes colossos de granito, deparamo-nos com uma gigantesca formação rochosa em forma de arca, com cerca de vinte metros de comprimento, por seis metros de altura. Os visitantes, surpresos, se perguntam como uma enorme pedra como essa foi colocada em um local tão alto (supondo que isso seja obra humana). Vem à mente, em contemplação, o que disse Karl von Eckartshausen a respeito da arca a qual o povo judeu tinha pelo que havia de mais sagrado: “A arca da aliança era o maior de todos os mistérios: a ligação reestabelecida entre o homem e Deus”. Teriam os nossos ancestrais celtas percebido um símbolo semelhante nessa arca de pedra?

Continuemos essa viagem associativa que ele sugere. Para podermos penetrar no “maior de todos os mistérios - a ligação reestabelecida entre o homem e Deus”, vamos voltar a escalar em pensamento esse impressionante triângulo de pedra. “Vemos no triângulo cósmico as representações do Pai, do Filho e do Espírito Santo”, escreveu J. van Rijckenborgh, considerando-o como a figura geométrica nas condições de Aquário: bondade, verdade e justiça. Para ele, o triângulo é o símbolo da perfeita trindade e “3”, o número da perfeição, da harmonia absoluta.

Em sua obra sobre a *Fama Fraternitatis*, J. van Rijckenborgh escreveu: “O aluno que perscruta o céu na vigília noturna de sua vida, aí buscando descobrir a luz de Deus, vê as chamas de fogo se precipitarem e tocar sua vida. A trindade, o triângulo ígneo de seu ser microcósmico, é atacada pelo triângulo divino”. E então resta saber se, uma vez tocado, ele irá seguir essa Luz e como ele ou ela o fará. Voltemos agora a pensar na Floresta Negra e seu imponente triângulo de pedra que



Pequeno templo rosa-cruz escondido na floresta

orientou nossos pensamentos ao triângulo ígneo dos mistérios. Em sua obra *O Verbo Vivente*, Catharose de Petri diz que esse triângulo é formado “por uma linha radiações astrais, ligando o fígado, o baço e o santuário do coração.” Ela explica ainda que “é preciso que esse triângulo seja fortemente vivificado no aluno, isto é, que radiações astrais de valor sutil sejam atraídas para o coração, a fim de que, do alto do triângulo, possa elevar-se uma nova força que preencha por inteiro o santuário da cabeça”. Assim que o triângulo ígneo brilha nesse santuário, ocorre o desenvolvimento da alma. Então, o triângulo microcósmico em nosso sistema é tocado pelo triângulo divino. Isto conduz – conforme a *Fama Fraternitatis* – a

Acima: capela na Floresta em Malsch, Baden-Württemberg, Alemanha



“Pedra Sétupla” próximo a Yach, no vale do rio Kinzig

um conflito entre o fogo da bondade, da verdade e da justiça, e as sete flamas que provêm do triângulo.

Com essas sete flamas no pensamento, afastamo-nos agora do triângulo e da arca de pedra, para seguirmos pelas montanhas e vales de Kinzigtal, onde se encontra mais um surpreendente monumento de pedra. Ali, próximo à cidade de Yach, também sobre uma base elevada, existe uma “pedra sétupla” de seis metros de altura formada por sete formidáveis pedras de tamanhos diferentes empilhadas umas sobre as outras. Sim, “empilhadas”, pois está excluída a hipótese de que a natureza o tenha feito por acidente. Incrível o que os nossos ancestrais celtas conseguiram realizar! Esta rocha sétupla nos remete, naturalmente, a outro fragmento do texto da senhora De Petri : “Há sete correntes de luz divina de natureza diferente, portanto também existem sete elementos primordiais,

a partir dos quais o homem deverá viver e ser. Esses sete elementos primordiais eram denominados as sete harmonias pelos antigos. O candidato aos mistérios gnósticos deve poder reagir de maneira plena a essas sete harmonias. Deve possuí-las por completo e conduzi-las às sete cavidades cerebrais, as câmaras do tesouro de seu estado de vida.”

Antes de deixarmos a Floresta Negra, voltemos a Calw. A antiga capela rosa-cruz apresenta o símbolo que formou as duas chaves postas uma em cima da outra. Quando, com a chave de baixo nos fechamos “em baixo”, a outra abre “em cima”. É precisamente isso que Catharose de Petri descreve no capítulo 3 da obra *O Verbo Vivente*:

“Sempre com mais ênfase sois levados, de modo categórico, a libertar vosso próprio corpo astral da esfera astral da natureza da morte. Em nome de Deus, sois capacitados a elevar a alma-espírito ao éter ígneo elétrico, o quinto éter (...) de forma que a alma-espírito desperta tenha a possibilidade de nele respirar, viver e trabalhar.” E ela conclui dizendo: “Que, assim, novos impulsos também possam surgir de vosso coração, em consequência de vossa orientação gnóstica e de vossa receptividade sensível às abundantes forças e radiações. Que possais recebê-las, qual novo alento (...) de modo harmonioso à natureza, essência e vibração da luz da alma-espírito do campo da ressurreição. Possa a transformação do homem exterior em homem interior em breve tornar-se ‘perfeita’.” ✪

Uma vida inteira em defesa da Gnosis

Ele vem empurrando vigorosamente em nossa direção uma valise de rodinhas cheia de obras sobre a Gnosis e a prática de uma atitude gnóstica. Ele é Timothy Freke – esse homem cheio de sorrisos que estamos esperando sair da sala de esteiras de bagagens. O número da revista Pentagrama que combinamos ter em mãos para que ele nos reconhecesse nem era necessário: nosso hóspede reconheceu intuitivamente seus interlocutores.

Estamos no aeroporto de Schiphol (Holanda) para entrevistar o autor, internacionalmente conhecido, que escreveu inúmeros livros sobre a Gnosis, principalmente a obra intitulada *Os mistérios de Jesus*, que está entre os dez títulos mais vendidos nos Estados Unidos e na Inglaterra. Esse inglês de Glastonbury, cheio de vigor, está visitando a Holanda para um final de semana de seminários com conferências e oficinas sobre a Gnosis. É esse tipo de seminário, onde a Gnosis é pesquisada ativamente, que ele anima em várias partes do mundo. O despertar da consciência é, acima de tudo, uma fonte de amor e só tende a se ampliar quando o comunicamos”. É isso que ele nos diz em primeiro lugar, enquanto aperta nossas mãos vigorosamente. Palavras que traduzem muito bem sua missão: “Re-ligar o ser humano à corrente do Amor Infinito”.

Mal tivemos tempo de tomar um cafezinho e já estamos dialogando com esse ser jovial e radiante. No começo, ele parecia ser uma personalidade hiperativa e carismática, que se preocupa com a essência da vida desde a manhã até a noite e que demonstra em sua própria vida tudo o que é falado em seus livros. Apesar da agitação e do barulho incessante que nos envolve, ele consegue facilmente captar a atenção de seus dois interlocutores com sua voz sonora e clara, cujo timbre ele vai modulando cada vez que muda de assunto. Claro, ele está acostumado a gerenciar contatos com um grande número de pessoas ao mesmo tempo. Eis o retrato de uma personalidade marcante, animada pelo Fogo e que, ao mesmo tempo, está sempre atualizada quanto à Gnosis e ao coração deste mundo.

ENTREVISTA PINGUE-PONGUE COM TIMOTHY FREKE, AUTOR DE *OS MISTÉRIOS DE JESUS*



Timothy Freke e Peter Gandy ficaram famosos no mundo todo logo depois da publicação, em 1999, de seu livro *Os mistérios de Jesus – O*

Jesus original era um deus pagão? Os autores afirmam, nesse livro, que a personalidade que a Bíblia transmite jamais existiu e que Jesus é um mito, uma história criada com base em fragmentos para ligar novamente a tradição judaica veterotestamentária (a tradição do Antigo Testamento) e todos os mitos existentes sobre os filhos de Deus. Eles destacam que a história de Jesus e a tradição Pagã de Osíris e Dionísio apresentam sérias semelhanças.

Vamos tomar alguns exemplos: Osíris-Dionísio é um deus encarnado. Ele ficou no ventre de uma virgem durante sete meses. Ele nasceu no dia 25 de dezembro, na presença de três pastores. Seu primeiro milagre consistiu em transformar água em vinho em uma festa de casamento.

Eles igualmente se esforçam para instigar seus leitores a realizarem a “viagem do despertar”. Eles perguntam: “A Gnosis seria simplesmente mais uma de tantas teorias malucas?”

“De modo algum!” – afirmam eles.

“Além disso, ela não é uma teoria: é uma vivência, é uma sabedoria interior”. E eles escrevem: “Os gnósticos não ficam tentando nos convencer de que a vida não passa de um sonho. Eles recorrem a ideias filosóficas para nos chacoalhar, a fim de que nós mesmos possamos vivenciar a experiência da verdadeira natureza da realidade.”

O livro *Os mistérios de Jesus* forma uma trilogia com *Jesus* e com *A Deusa perdida* e *o Jesus que ri* – atraiu a atenção de centenas de milhares de leitores. T. Freke, que conquis-



Estela da vitória sumério-acadiana, do rei acadiano Naram-Sin, cerca de 2220-2184 a. C., em calcário de 2,60m de altura, que se encontra no Museu do Louvre, em Paris.

tou sólida reputação como pesquisador, teve recentemente seu reconhecimento aumentado ao receber um grau honorário em Filosofia.

Ele está trabalhando provisoriamente só. Seu braço direito, Peter Gandy, precisou se retirar por circunstâncias familiares preocupantes. Juntos, esses dois pesquisadores já publicaram quarenta livros sobre diversas tradições espirituais, que foram editados em quinze línguas. A obra *Hermética* merece menção especial por sua apresentação excepcionalmente clara e acessível da essência da sabedoria de Hermes Trismegisto.

Como Timothy encontrou o caminho da Gnosis?

“Na minha infância, eu sentia falta de alguma coisa que não conseguia encontrar aqui. Então, fui buscar lá fora, e foi no Oriente, junto aos hinduístas, que conheci um aquietamento graças às palavras de Swami Vivekananda, que afirma

que a religião hindu é a religião eterna porque diz respeito a todos os seres humanos e os envolve. Mesmo não me considerando hinduísta, me senti confortado em minha busca e reconheci que o universo é cheio de Amor.

Comecei a viver conscientemente as experiências do despertar e da iluminação. Olhando de mais perto, parece que essas experiências realmente começaram quando eu tinha doze anos, mas só pude considerá-las como tal muito mais tarde. Sou verdadeiramente feliz por ter vivenciado desde a juventude diferentes estágios de consciência. Também é importante dizer que Peter Gandy, meu co-autor e amigo de uma vida inteira, começou sua jornada de busca com base no mesmo sentimento de vazio existencial.

Seu pai estava muito envolvido (100 %!) com a Igreja da Inglaterra e pode-se dizer que ele foi educado como um cristão fundamentalista, o que o atormentava. Isso foi um impulso para que ele começasse a fazer pesquisas, assim como eu também

fiz, sobre as fontes do cristianismo: “Qual foi realmente a mensagem cristã original?”

Para você é importante o fato de vocês serem co-autores?

“Nós nos conhecemos desde os 10 anos e descobrimos a vida juntos. Muitas vezes brincamos que estamos conversando há quase cinquenta anos e que esse diálogo é sempre apaixonante! Peter é como um irmão espiritual e mais ainda: agora ele é meu vizinho. Pode-se dizer que temos a mesma opinião sobre muitos assuntos, o que torna nossa colaboração uma coisa maravilhosa. Confio nos pontos de vista dele e vice-versa. Quando redijo sozinho um livro sobre o despertar, ele é o primeiro a enriquecer o texto e também a corrigi-lo. Gostamos

RENASCIMENTO

Aquele que é renascido fala com o Pai do Todo que é Luz e Vida. Somente poderemos vivenciar essa visão superior quando cessarmos de falar a respeito dela, pois esse conhecimento é um silêncio profundo calmo dos sentidos.

Aquele que conhece a beleza da Bondade Original não percebe nada além dela.

Ele não tenta escutar mais nada.

Ele não consegue efetuar o menor movimento.

Ele se esquece de todas as sensações corporais e continua imóvel, enquanto o esplendor da Bondade permite que seu espírito se banhe na Luz, e que sua alma saia de seu corpo tornando-o Um com o Ser Eterno.

Na verdade, um ser humano somente não pode se tornar Deus enquanto imaginar ser um corpo.

Para se tornar divino, ele precisa ser transformado pelo esplendor da Bondade Original.

A matriz do renascimento é a sabedoria.

A concepção é o silêncio.

A semente é a Bondade.

Aqueles que nascem assim não podem continuar a ser eles mesmos.

Eles pertencem aos deuses e são filhos de Aton, o Deus Único.

Eles contêm tudo e todos.

Eles atendem a tudo e a todos.

Eles não são feitos de matéria.

Eles são o Espírito Absoluto.

- - -

O renascimento não é uma teoria que possamos tentar aprender.

Mas quando Aton quiser, vamos recordar interiormente.

Um ser humano somente pode aprender a conhecer Aton quando conseguir dominar suas paixões e deixar o Destino fazer o que quiser com seu corpo,

que não passa de uma concha material que pertence à Natureza e não a ele.

Ele não deveria aprender a corrigir sua vida pela magia nem se opondo com força ao seu destino,

mas ele deveria deixar a Necessidade seguir seu curso.

Trecho extraído de: *The Hermetica: The Lost Wisdom of the Pharaohs* (Hermética – A Sabedoria perdida dos faraós), de Timothy Freke & Peter Gandy, Ed. Tarcher, 1999.

muito de nossa pesquisa em comum dessa estranha empreitada que chamamos de vida”

Para você, tudo parece girar em torno do amor e da união.

Realmente, pois esse é o essencial para o qual a Gnosis conduz o ser humano. É precisamente graças a ela que estamos prontos para abandonar nosso estado fragmentado e nos elevar até a união com o Todo, que é o próprio Amor em si. Muitos compreendem isso, mas é preciso ir ainda mais longe.

Em inúmeras tradições espirituais o que chamamos “despertar” é a maneira de acabar com o estado de divisão.

Mas penso que o problema está no fato de que gostaríamos de vivenciar a união quando ainda não temos consciência de estarmos no estado de divisão!

Vamos pegar a personalidade “Tim”: todas as minhas carências e preferências não desapareceram de verdade depois que despertei; mesmo nos meus momentos de grande iluminação, eu sempre continuava detestando arroz-doce!”

Será que o mistério se resume no paradoxo da vida?

“Não está longe disso. Já não devemos pensar `isto ou aquilo`, mas `tanto isto como aquilo`. Sempre há duas possibilidades, pois o fato é que tanto a vida quanto a natureza são paradoxais.

Em um dos meus livros, chamo essa maneira de pensar de `paralógica`.

Minha vivência do mistério não é vaga nem sobrenatural: ela parece uma abertura para o instante, para o maravilhoso que existe em todas as coisas e também para possibilidades, opções.

É viver o presente sem se deixar levar por ele, nem começar a rejeitar o passado ou a se abster a pensar no futuro. É também manter sua esperança, não se forçando a cultivar o pensamento positivo sempre, mas abraçando também os sentimentos negativos reservando um lugar para eles.”

Como situar o fato de que, no decorrer de uma viagem de exploração rumo ao mistério, a Ciência pode ser uma importante fonte de inspiração?

Realmente, ela é. Com ajuda de algumas competências, principalmente da Física Quântica, do Tao, da meditação, da mitologia grega, de Walt Whitman, de Carl Jung e Albert Einstein, tento me aprofundar nesse mistério e testá-lo com outros. Mais uma vez é paradoxal, pois o mais elevado saber é que não sabemos nada! Na realidade, é isso: ainda somos realmente ignorantes a respeito do funcionamento da vida. A Ciência sabe bem pouco e o mesmo acontece com as religiões! Quem disser o contrário é um grande mentiroso! Muitos físicos que ganharam o Prêmio Nobel afirmam que podemos supor uma infinidade de coisas, que algumas leis naturais parecem estar muito bem estabelecidas, mas que precisamos continuar abertos para outras eventualidades. Não me façam dizer que é preciso suprimir as religiões e optar pelas ciências lógicas, pois já vimos muito bem que isso não resolve nada.

A realidade é mais cheia de sutilezas: ciência e religião podem muito bem se completar!”

Parece que você tem uma afinidade eletiva por Einstein.

“É bem isso! Eu respeito Einstein como homem de ciência de grande profundidade e, ao mesmo tempo, como homem espiritual da mais elevada estatura. Sempre o estou citando. Escutem o que ele diz a respeito das pretensas heresias da história gnóstica:

‘Os gênios religiosos de todos os tempos se distinguem por esse tipo de religiosidade sem dogmas nem deus pessoal que se amolda às aparências humanas – da mesma forma que não pode haver igrejas que fundamentam sobre isso seus ensinamentos religiosos.’

Timothy
Freke:
“O corpo é
a boate da
alma”

.....

Assim, entre os hereges de todas as épocas, encontramos seres humanos impregnados dessa forma superior de religiosidade e que, em muitos casos, foram vistos por seus contemporâneos como ateus, mas muitas vezes como santos. Sob esse ponto de vista, personagens como Demócrito, Francisco de Assis e Espinoza estão muito próximos.

Sou apaixonado tanto pelo físico dinamarquês Niels Bohr quanto por Einstein. Ele escolheu como brasão pessoal um símbolo espiritual da antiga China: o diagrama yin-yang. É seu modo de dar à essência da existência uma unidade fundamental que se manifesta como um composto de oposições complementares. Encontramos a mesma figura na célebre visão das 'coincidências dos opostos', a união dos contrários do pensador Nicolau de Cusa. De acordo com essa visão das coisas, Niels Bohr acrescentou ao seu brasão a divisa: 'Os opostos são complementares'."

Quem é o "Jesus que ri" de sua obra que leva o mesmo título?

"Esse Jesus que ri encarna um estado do despertar no qual tomamos consciência de que a vida é boa e a morte é certa. Chamamos isso de *pronoia*, ou seja: a confiança razoável de que a vida está do nosso lado e de que o mundo inteiro está procurando nos ajudar.

Na verdade, *pronoia* é um termo novo para 'foi confiante'.

O conceito de fé está tão desgastado pela religião tradicional que ficou praticamente inutilizável.

A fé ficou reduzida a uma adesão cega a dogmas irracionais. Mas a *pronoia* nada tem a ver com esse sentido. O conceito de *pronoia*, profundamente enraizado em nós, é uma confiança na bondade fundamental da existência: uma confiança que toma posse de nós logo que despertamos para a unidade. Enquanto nos enxer-

AS PESSOAS ACREDITAM NO QUE ELAS QUEREM

"Nesta cidade de Amsterdã, as pessoas acreditam, acima de tudo, no comércio. O clero perdeu seu poder, tanto que pouco a pouco todo tipo de convicções e de ensinamentos estão aqui representados: há calvinistas, jesuítas, protestantes, menonitas, judeus, rosa-cruzes também, provavelmente, diferentes movimentos neo-batistas e ateus. [...]

Estou em Amsterdã (1666). Soube que todas as pessoas são iguais nas províncias livres da Holanda. Os habitantes não são listados com base em suas crenças, classe ou origem étnica. Os cristãos discutem com os judeus, os do alto da escala social falam com os que estão embaixo, e há mulheres que escrevem livros e outras que têm lojas em pé de igualdade com os homens. A igualdade entre as pessoas é, portanto, maior do que em muitos outros lugares. Ao mesmo tempo, ouvi dizer que esta jovem república está ocupada em estabelecer balcões de comércio e a conquistar várias regiões no mundo inteiro, criando assim colônias onde ela possa exercer seu poder. Aparentemente, os holandeses são déspotas que amam a igualdade, como se fossem conquistadores humildes. Isso parece ser paradoxal. Seria preciso eu ir até as províncias para perceber tudo isso por mim mesmo. Sempre fui atraído por paradoxos. É como se o ser humano tivesse escondido seus segredos."

Trecho extraído de *Sobre a existência do amor* Torben Guldberg. [Um narrador secular não vai conseguir descansar antes de ter compreendido a natureza do amor. Para fazer isso, ele inicia uma pesquisa mágica que o conduz principalmente à Amsterdã do tempo de Rembrandt.]

garmos como indivíduos separados, somente podemos ser vulneráveis, em um imenso universo cego. Ora, a partir do momento em que despertamos, nos encontramos em um estado de *pronoia*, e, evidentemente, já não temos nada a temer da existência como não temos

que ter medo de um sonho. Resumindo: nossa vida se tornou cheia de sentido, de significado."

Centenas de pessoas reunidas pela Gnosis e voltadas para ela



O tempo está pressionando: quarenta pessoas interessadas na Gnosis estão esperando Timothy Freke em uma comuna perto de Utrecht. Nós o levamos ao local do encontro. No carro, é Timothy que, de repente, começa a fazer perguntas. “Como é uma conferência gnóstica dos rosa-cruzes?”

Quantas pessoas vêm assistir a ela?”

Nossa resposta:

Em todas as partes do mundo os rosa-cruzes se reúnem em conferências e participam geralmente de cinco serviços em um templo, que é um local consagrado.

O número de pessoas varia de acordo com os locais e pode chegar a seiscentos e cinquenta.”

Timothy não desiste de fazer perguntas:

“Tanta gente reunida por causa da Gnosis? É incrível! Fantástico! Não vi nada igual em nenhum lugar!” Outra pergunta: “A Holanda parece ser um solo fértil, que alimenta e sustenta a Gnosis. Como isso aconteceu?” A pergunta nos surpreendeu bastante, mas dizemos: “Pode ser porque faz séculos que lutamos contra as águas. Por essa razão, os holandeses sempre precisaram se unir, discutir, deliberar. Uma

cultura de debater e de mútua escuta foi necessária para que todos sobrevivessem. Talvez graças a Erasmo e suas concepções de tolerância e de liberdade que se propagaram em latim por toda a Europa. Ou também graças a Dirck Volckertszoon Coornhert, que está na origem de nossa nação e batalhou incessantemente em favor liberdade religiosa, às vezes com sucesso. E, depois, Amsterdã tem a característica de sempre ter sido um lugar acolhedor para os refugiados religiosos respeitáveis, como Jan Amos Comenius, da República Tcheca”.

Nesse ponto não estávamos seguros quanto à nossa resposta. Seria preciso, talvez, que uma pessoa de fora respondesse por nós. Talvez o autor dinamarquês Torben Guldberg, que descreve com precisão o caráter do povo holandês, em seu romance *Sobre a existência do amor*.

Timothy Freke nos deixa, mas, com um gesto elegante, dedica aos leitores da revista *Pentagrama* algumas de suas obras – com um “Big Love! TIM” 🌟



Albert Einstein: “A razão intuitiva é um dom sagrado e o pensamento racional, um servo fiel. Na sociedade que fundamos, honramos o servo e nos esquecemos do dom”.



Imigrante em Londres © Bernadette Szvabo, Reuters

O centro



Nossa impotência para observar a unidade, para conhecê-la ou vivenciá-la deve-se a uma lei segundo a qual não podemos ter consciência senão graças ao jogo de diferenças, de oposições ou de distinções. Como podemos então nos aproximar da consciência? Neste artigo, vamos partir em busca do círculo e de seu centro, do ser e do único. Há em nós uma Ideia divina que pensa e nos pede que sejamos perfeitos como ela.

Segundo Hermes, figura dos mistérios gregos e egípcios, “Deus é um círculo no qual o centro está em toda parte e a circunferência em nenhum lugar”. Com essas palavras, uma imagem nos é transmitida e, imediatamente, captada. O círculo e seu centro existem, e ao mesmo tempo não existem. A oportunidade de fazermos uma imagem de Deus não nos é dada e, no entanto, isso permanece um desafio para nós. Essa figura do círculo e de seu centro perde um pouco de seu caráter misterioso se substituimos a noção de Deus pela de unidade, uma unidade que está em todo lugar e em parte alguma. Se não consideramos a unidade uma noção quantitativa, como uma adição de partes, mas o fundamento original do qual tudo proveio e no qual tudo está contido, torna-se mais fácil admitir que ela não pode ser nem encontrada nem conhecida como tal.

Nossa impotência em perceber a unidade, em conhecê-la ou vivenciá-la, é determinada por uma lei: somente pode entrar em nosso campo de consciência o que se apresenta como diferença, oposição ou distinção. Da realidade somente sabemos que ela é composta de partes inter-relacionadas. Se eu quiser que o círculo e seu centro ganhem vida, é preciso que o ponto central que eu mesmo ocupo seja liberado e dê seu lugar à perspectiva do círculo único. É desse modo que procedemos para reconstituir um quebra-cabeças. Não começamos tentando ajustar diversas porções como centros separados. Começamos pela unidade em si mesma, tomando como base a imagem inteira que aparece na capa da caixa. Em outras palavras: para conhecer a unidade, preciso ser “um” eu-mesmo, o que é absolutamente diferente de representar ou experimentar a unidade. Como diz Hermes, “Se não vos tornais iguais a Deus (o Único), não podeis fazer uma ideia de Deus. Porque somente os semelhantes podem se conhecer”.

O meio como espaço

O meio não é o centro; ele é o espaço no interior do qual inúmeros centros aparecem e desaparecem. Assim diríamos, por exemplo, ao falar de uma reunião, que há um mundo na assembleia, ou seja, no meio em que nos encontramos. Cada interlocutor e os múltiplos assuntos de conversação podem momentaneamente constituir o centro.

Eles se encontram por toda parte e em parte alguma, num meio que é um espaço aberto onde se produzem as trocas.

O que está no exterior é como o que está no interior: o espaço onde se desenrolam todas as interações é um modelo para nossa consciência. Esta é igualmente um campo onde os pensamentos e as experiências se apresentam, interagem e depois liberam novamente o espaço. A consciência é o centro aberto onde alternadamente nossas ideias, pensamentos e experiências formam centros temporários moldados pelo eu-forma. Shankara diz: “Apenas uma coisa jamais nos deixa: a consciência em nosso interior. Somente ela é o fator constante presente em todas as experiências. Essa consciência é o Ser real e absoluto”. É a isso que chamamos o “Um”. Para situar corretamente esse assunto que é a consciência, é essencial distingui-la dos conteúdos de nossa vida consciente, de suas “mil coisas” que são nossas imaginações, reflexões, sensações. Ao afirmar “Eu sou consciência”, Hermes não quer dizer que se identifica com seu conteúdo – tal distinção não é aceitável na filosofia ocidental.

E. Husserl, por exemplo, insistia primeiro no fato de que a consciência é sempre a consciência de algo, portanto de um conteúdo. Mais tarde, quando ele retoma esse assunto, verifica que todos os fenômenos têm sua fonte em uma única consciência, mas ninguém compartilhou de suas ideias. A noção de consciência é assimilada em nosso mundo de imaginações, raciocínios, impressões etc., e para estudá-la escolhemos um assunto. Contudo, a consciência

não será reduzida a um tema; ela não pode ser observada, pois é sempre ela que é o observador. Para compreender ou apreender esse observador, fazemos dele o que será observado. Ora, nossa visão não pode ver a si mesma! É por isso que, a seguir, tentaremos nos aproximar da noção de consciência pelo viés do que ela não é, para, assim, aprender a conhecer nossa ignorância.

Acreditar que temos uma consciência, que nossa realidade seria um mundo exterior e que possuiríamos um “eu” autônomo diante de si mesmo, é uma noção baseada em um mal-entendido e demonstra que ainda não ultrapassamos o estado da consciência objetivista, que toma qualquer coisa por objeto.

Portanto, nossa vivência da realidade não é justa. A consciência objetivista e a consciência global originam-se de ordens fundamentalmente diferentes, de qualidades de ser diferentes. Cada uma dessas duas ordens tem sua própria realidade. A tríplice afirmação “Não possuo nem consciência, nem ‘eu’, nem realidade” demonstra que meu próprio ser está dividido e apenas posso observar a divisão. Como unidade, a consciência é o olho no interior do qual a triplicidade acima se manifesta; ela representa a fonte única acima de todas as distinções; ela é a visão que engloba todas as visões. Por isso, a “autoconsciência” que é realmente “autoconsciência” é tão essencial, pois ela permite que distingamos entre a autoconsciência e a consciência objetivista, que diferenciamos entre “quem sou eu” e “o que eu sou”.

Uno e indivíduo

Quem sou eu? Essa foi a pergunta que, no século 17, de maneira tão explícita e talvez pela primeira vez, foi feita por René Descartes. Em busca de um ponto fixo em um mundo em constante mudança (consciência), ele submeteu toda a sua realidade a uma dúvida radical; ou assim pensou. Como estou em dúvida, o que resta então?

Vivek Vilâsinî, “Inclua-me fora II” (tríptico), 2011-2014, impressão digital sobre tela

Talvez a dúvida da própria dúvida, você diria. Mas Descartes não pensava assim radicalmente. Ele não encontrou seu último ponto fixo na dúvida nem em quem duvidava, mas num “eu” que duvida. Daí a conclusão: “Duvido, portanto penso, portanto sou”. Tal posicionamento sugere que o homem se encontra no interior de uma realidade objetiva, mas ao mesmo tempo



Todo ser humano e inúmeros objetos podem simultaneamente constituir o centro. Eles se encontram ao mesmo tempo em toda parte e em lugar nenhum, “no meio” – o meio aberto das interações

.....

independente, separada do objeto de sua observação, de seu sentir, de seu conhecer. Esse posicionamento dá ao eu a impressão de ser o ponto fixo, o centro. O eu toma a si mesmo como observador no lugar da consciência. Espinoza, contemporâneo de Descartes, estava profundamente em desacordo com esse ponto de vista, especialmente quanto a Deus, que ele descreve como substância única ao mesmo tempo indivisível e presente em nossa consciência e no mundo, portanto assim no interior como no exterior. Essa substância divina se

manifesta como unidade em seus atributos que são o pensar e a compreensão, razão pela qual o espírito e a matéria são unos e indivisíveis. O drama, no que se refere à análise cartesiana, é que a consciência unitária ou autoconsciência vê-se substituída pela consciência objetivista. É um mal-entendido muito difícil de dissipar, devido ao fato de que nossa realidade sensorial e espaço-temporal parece comprovar a justeza dessa objetivação. De fato, pelo menos aparentemente, todas as coisas ocupam um lugar no espaço e se sucedem no

tempo. No entanto, não conhecemos nossa realidade como “ser” objetivo, mas como “realidade de consciência”. Portanto, nossa realidade está submetida à natureza de nossa consciência, que não sabe apreender as coisas senão mediante oposição, diferença, relatividade de uns com relação aos outros – procedimentos indispensáveis para distinguir e conhecer. Como resultado,

para tal consciência, nada pode existir por si mesmo, independente de tudo. Distinguindo entre o interior e o exterior, Descartes foi levado a alojar a consciência em apenas um dos dois: ou seja, no interior, no *eu*. Assim, o mundo se torna um mundo exterior a mim, separado de mim, reservado às formas, aos objetos, à matéria; ao passo que o Espírito pertence a mim. A unidade da consciência é rompida diante da representação, da apreensão de tais objetos. Seus diversos conteúdos são separados da própria consciência em que surgem. É assim que colocamos fora de nós os conteúdos que são o mundo, os outros e Deus.

Sejamos claros, não pleiteamos a defesa dessas ideias comumente difundidas de que “tudo é subjetivo”, ou de que “o objetivo não existe”, pois elas apenas reforçam a ilusão da separação, da dualidade. Toda consciência que se traduz por “existe” coloca em destaque tanto a subjetividade quanto a objetividade, o pensamento e o entendimento, o interior e o exterior. No entanto, essa afirmação já é um passo adiante uma vez que, ao dar nomes aos dois polos opostos, sugerimos que eles são dois e separados.

Ora, em sua essência, o interior e o exterior, o *eu* e o não-*eu* etc., não são duas justaposições, mas são um. Trata-se aí de um fato que nossa consciência objetivista não pode absolutamente compreender. E se tentarmos fazê-lo, tentemos com estas palavras de Chuang Tsé: “É com base em seu estado dividido que as pessoas partem em busca de uma completude”.

A consciência não se detém diante do mundo exterior. Não: ela é o centro, o círculo no interior do qual surge a realidade. E a realidade e eu não formamos uma dualidade! O conjunto é uma unidade, imagem ao mesmo tempo do interior e do exterior.

No centro ou na duplicidade

Não se trata de imaginar de um lado “a realidade” etc., e de outro, “a minha cons-

ciência dessa realidade”. Ramana Maharshi diz: “Quem toma consciência ‘daquilo que é’ não é uma consciência isolada.

‘Aquilo que-é’ é a consciência, é o que sou e é uma referência à unidade superior de ‘eu – não-eu’, de ‘interior-exterior’.” Nossa consciência do mundo cria uma armadilha: acreditamos que a realidade que está fora de nós é a mesma para todos, independentemente da consciência que cada um tenha dessa realidade. Ou, em outras palavras: pensamos que o fato de eu estar ali ou não nada muda na realidade. Essa atitude despreocupada de “pouco importa que eu aí esteja ou não” não me serve somente de desculpa para não me engajar, mas ela rouba a meu entendimento a importância do fato de que *eu mudo*, tanto em relação a mim mesmo como em relação ao mundo em que vivo. Isso não é dito como nobre conclusão teórica, mas como uma realidade, como um fator operante no mundo. Com efeito, quando a consciência muda e se renova, todos os seus conteúdos se metamorfoseiam simultaneamente. Eu, o outro, o mundo, Deus... Eles se tornam outros e novos! É que a consciência não é um objeto do qual podemos nos apropriar, mas uma essência viva e onipresente que todos possuímos; sua renovação é fonte de inspiração para cada um de nós. Ser consciente é observar, é conhecer. Na ausência de pensamento objetivista, a consciência é imediata, direta. Nela, as polaridades opostas ainda não estão separadas, elas coexistem no espaço intermediário, no centro, em um ponto zero. Este também não tem dimensão, não pode ser objetivado nem percebido. A dualidade observador/observado somente vem a seguir, quando o pensamento objetivista se separa da consciência unitária. A consciência em si mesma, vista como intermédio, é muito próxima, muito presente para ser percebida. O olho pode ver tudo, menos a si mesmo, uma vez que “olhar para um objeto” subentende estar separado dele. A árvore do paraíso que se encontra no centro (no intermédio), no

estado em que estamos, não pode ser senão uma árvore-do-desconhecimento, uma árvore de distinções e oposições. A unidade “eu – não-eu” foi quebrada, dividida, deslocada numa dualidade na qual não prevaleceu senão um dos dois: o *eu*. A consciência universal foi reduzida, no homem, a uma consciência-*eu*, e o centro aberto, a um único ponto central: *eu, meu*. Assim, pela identificação com os pensamentos, sentimentos, experiências, emoções, paixões, a realidade da consciência fluida foi recoberta por uma camada congelada, fixa, porém a única possível para um “eu” que sabia pertencer ao mundo das formas, a cada uma das quais damos um nome particular e, assim fazendo, validamos a ilusão de que nele tudo estaria separado e independente. No entanto, tudo está incluído no Único e é penetrado por ele. Lemos no Evangelho de Filipe: 9b: “A verdade fez nascer as palavras no mundo, porque não é possível ensinar a verdade sem palavras; 9c: A verdade é uma, mas ao mesmo tempo é múltipla para nos levar, mediante essa multiplicidade, a um único nome. 8a: Os nomes dados às coisas deste mundo contêm uma grande ilusão, pois desviam os pensamentos do que é a imutável realidade para o que não é. Assim, quem ouve o nome ‘Deus’ não capta o que é imperecível, mas o que é perecível. 8b: Todas as palavras ouvidas no mundo são enganadoras”. Em resumo, ao nomearmos todas as coisas, perdemos o Nome único.

O horizonte ou o contexto

Para Ramana Maharshi, “O ‘eu’² é tudo. Para seguir o caminho verdadeiro e deixar tudo para trás também devemos examinar o que o eu é, verdadeiramente. Para fazer isso, precisamos buscar a Fonte de onde o eu procede.”

No interior do círculo de nossa consciência tudo é relativo e correlato; portanto, nada existe por si, de maneira independente. Tudo se faz conhecer como inter-relacionado. É que a realidade e a verdade são conceitos relativos. Se possuo mil euros, sou relativamente pobre em comparação com quem possui muito mais; ao mesmo tempo, sou rico se comparado a quem nada possui. Portanto não sou rico ou pobre, mas rico e pobre. Isso depende do que é comparado, do que relacionamos. Para um químico, a água significa algo diferente do que para alguém sedento, um pescador ou um naufrago. A água, portanto, *é e não é* o que ela é. Toda definição que significa água depende do contexto em que a consideramos.

O mesmo ocorre com os conceitos que temos do mundo, de Deus ou de nosso próximo: eles são retirados do campo relacional em que aparecem.

Para ser o que são, eles devem encontrar um lugar no interior de nosso horizonte – seria mais justo dizer: no interior de nosso passado. Todas as nossas representações são centros relacionais mutáveis que transitam num campo integral que chamamos de “meio”.

Assim como tenho uma imagem relacional e, portanto, *relativa* do outro, do mundo, de Deus, também tenho de mim-mesmo: a autoimagem. Esta poderia parecer independente, porém não existe *eu sem não-eu*. Na dualidade “eu – não-eu”, as polaridades têm uma origem comum. Isso é facilmente verificável quando mergulho no interior de uma cultura diferente da minha: meu ambiente relacional é modificado e, ao mesmo tempo, a imagem que tenho de mim mesmo também se modifica. Esta se compõe de numerosas repre-

sentações de mim que se alternam. O que chamamos “eu” é uma unidade quantitativa, pois na realidade é uma coleção, uma soma de *eus*. Já o Eu do Único-*Todo* é uma *qualidade*: é a própria unidade em si. A ideia segundo a qual não podemos estruturar a realidade de um “eu”, seja ele qual for, é expressa por S. Kierkegaard: “Seria possível imaginar algo mais medonho que a dissolução de seu ser em uma pluralidade, que você se tornasse verdadeiramente muitos indivíduos, como esses infelizes que eram possuídos por demônios, e que assim você perdesse o que há de mais sagrado no homem, a força de coesão da personalidade?”

Não é fato que nossa vida consciente forma uma unidade, um tipo de ordem em que nos reconhecemos, na qual podemos dar um lugar para cada coisa no interior de determinado conjunto unitário? Se não fosse assim, ficaríamos perdidos, no caos! Na verdade, seríamos o próprio caos. É absolutamente necessário distinguir entre, de um lado, o EU – a Consciência unitária (que é consciente da *unidade de ser* que chamamos também de “Centro” no interior do qual todos os polos opostos são Um) e, de outro lado, a autoimagem que temos de nós mesmos. Essa autoimagem nós a emprestamos das quatro dimensões cardeais de orientação: a cruz da consciência.

Do centro ou do cruzamento dessa cruz, onde aparentemente me encontro como observador, os quatro braços indicam várias direções. Minha orientação pode, portanto, se dirigir seja para o interior (meus pensamentos, experiências, sentimentos, fantasias, conhecimentos), seja para o exterior (o outro, o mundo), seja para baixo (minhas origens, meu carma, minha hereditariedade, o tema astrológico do meu nascimento), seja para o alto (Deus, o Outro, a centelha no coração de meu ser, minhas perspectivas de futuro e meus ideais).

Por mais diversas que sejam, essas quatro orientações representadas por uma cruz única representam uma única e mesma

Quem se
examina
como
consciência
chega à
conclusão
de que
compreende
muitos
estratos,
muito níveis
de atividade
e de
realidade

.....



Garota observando capas de livros da Mercury. Livraria Powells

consciência – minha consciência – e, portanto, a qualidade que lhe é própria. Para a consciência objetivista, que é intrinsecamente dividida, essas direções surgem como realidades diferentes que remetem objetivamente a um lugar.

No entanto, assim como EU não tem plural, a Consciência não pode ser plural. Daí a pergunta: Serei Um como consciência? Porque, assim como diz Mikhail Naimy: “Conforme for vossa Consciência, assim será vosso eu. Conforme for vosso eu, assim será vosso mundo. Se vosso eu for uno, vosso mundo será uno; se vosso eu for múltiplo, vosso mundo será múltiplo. Então, estareis em perpétua guerra convosco e com todas as criaturas”.

A energia e a inspiração

Quando a consciência está plena de desejo e vazia de conteúdo, surge, então, a dimensão vertical. O intermédio, ou espaço

do meio, é um eixo vertical plantado no centro comum a todos os polos opostos. Nesse centro está o círculo, o meio, o Eu Sou. Enquanto os múltiplos eus se encontram como centros extraviados e provisórios, em alguma parte no interior do círculo, a energia do desejo purificado abre o próprio círculo e libera a perspectiva da primeira pessoa: Eu. Este, como princípio da unidade de consciência, é uma consciência onipresente: presente em toda parte e em tudo. O único eixo vertical que está no Centro é a árvore que se encontra no paraíso, a escada onde o Eu Sou se apresenta em diferentes níveis de unidade.

Do ponto de vista qualitativo, há, de fato, muitos níveis de unidade. Se acontece de se abrir uma “visão a partir do alto”, que coloca e vê tudo sob uma única luz, esta me mostra que, quando me identifico com uma imagem de Deus ou de mim

mesmo, renuncio ao único que sou no mais profundo de meu ser. O não-compromisso torna-se impossível para mim, ao contrário do que ele é para quem detém um conhecimento objetivo emprestado de outros – filósofos, mestres ou correntes espirituais. Já não posso continuar a colocar Deus, o Único ou o Outro, acima de mim, quer dizer, no exterior. Já não posso me contentar com afirmações tais como “Deus é amor”, porque imediatamente surge para mim a pergunta: E eu, eu sou amor? E se me refiro à centelha divina no coração, isso também se torna uma orientação para o exterior, como para me manter à distância do que

sou verdadeiramente.

A consciência objetivista me diz o que sou – ou, em outras palavras, o que tenho – ao passo que a autoconsciência única e vazia me abre ao que eu sou.

Quando estou integrado ao eixo central do Centro, ocorre uma renovação de consciência, a da unificação. Devido ao fato de que minha realidade se tornou perfeitamente semelhante à minha vida consciente, tudo o que colocava no exterior, no interior, acima ou abaixo de mim se renova simultaneamente nas quatro direções. É um sério avançar em direção da perspectiva da primeira pessoa de Hermes: “Sou consciência”. É um auto re-conhecimento do qual Inayat Khan diz: “O Ego² é a única coisa que vive e ele é o sinal da vida eterna”. A bipolaridade conhecedor-conhecido proveniente do saber é dissolvida no Um.

Imanente e transcendente

O fato de que a autoconsciência seja o fio condutor de nosso tema pode facilmente causar um mal-entendido. Atualmente, chegamos a este clichê: já não ter como objetivo viver aqui e agora. Quem se examina como consciência deve concluir que esta é composta de vários estratos ou níveis de atividade e de realidade. A sabedoria sufi explica isso dizendo que: “Deus dorme na pedra, sonha na planta e desperta no ser humano”, ou seja, no quarto nível. Na consciência humana há, portanto, um pivô: Deus, o criador, agindo de baixo, e Deus, o Único, influenciando do alto, aí se reencontram. É o nascimento do Único como autoconsciência, o nascimento do Ser que é anterior a toda criação, conforme expresso no Livro dos Provérbios (8:22): “O senhor me possuía no início de sua obra, antes de suas obras mais antigas”. A diferença de consciência entre o eu que pertence ao mundo do Deus criador imanente e do Eu Sou do Deus único e transcendente se encontra descrita nesta citação de C. G. Jung: “Quando a inquietude e o tormento se tornam muito

intensos, resta ainda sempre a unidade do ser, a centelha divina em seu domínio inalienável, para oferecer uma paz que não é deste mundo”.

O Único, a centelha divina de nosso verdadeiro Ser, não é tocado pelas numerosas agitações da vida pessoal. A identificação com nossos conteúdos de consciência não aniquila a própria Consciência, a que está impregnada de uma única luz, a da centelha divina.

Que o Único esteja em princípio presente em toda criação, em todos os conteúdos de consciência, não significa, no entanto, que ele tenha sido completado. É assim que o único é tão transcendente como imanente: transcendente como fonte sublime de toda realidade e de todos os níveis de consciência; imanente por seu desejo de se elevar na criação, ou dito de outra forma, de encarnar seu aspecto transcendental. Assim, a criação toma cada vez mais consciência de Ser, o Único consegue se fazer conhecer conscientemente. Quando Deus está suficientemente desperto em nós para que possamos distinguir de um lado o nível de consciência no qual os múltiplos eu fazem seu jogo e de outro o Único no interior do qual do jogo em questão ocorre, essa faculdade de discernimento testemunha da presença interior e da atividade do Único. Mestre Eckhart o exprime nestes termos: “O que o homem ama deve ser compreendido desta maneira: ame ele uma pedra, ele é essa pedra; ame ele um homem, ele é esse homem; ame ele Deus... – não ouse prosseguir, pois se disser então que ele é Deus, vós ireis me apedrejar”.

Pré-julgamentos e consensos

Tudo o que surge em determinado nível da psique humana está buscando tão somente sua própria completude. Nenhum nível pode ultrapassar a si mesmo para compreender uma realidade mais elevada, uma unidade superior. As lutas que numerosos eus travam entre si estão baseadas no egocentrismo. Conforme diz

Nietzsche: “Tudo que nos anima no interior de nossa psique pode ser visto como uma ‘vontade de poder’”. Às vezes são os instintos que ocupam as posições mais elevadas, às vezes as emoções ou sentimentos, os quais são substituídos pelos raciocínios. Quantas vezes “eu quero” ou “eu penso” lutam com “eu sinto” ou “eu desejo”? Não somos uma peça única, nem livres-pensadores, nem mesmo um Eu. Esse jogo de forças é dominado pela angústia e o desejo, que determinam em certos contextos nossos pensamentos, nossos preconceitos e consensos. O medo e a inveja dividem nossa consciência entre, de um lado, o que achamos agradável, justo e que experimentamos como eu, e, de outro lado, o que não nos conforta e achamos desagradável ou falso, considerando-o “não-eu” e estranho a nossa própria consciência. Mas, quando o Único precisar se manifestar em nossa consciência, um novo estrato se juntará aos quatro precedentes. Ele deverá ser bem mais significativo pois, do contrário, continuaremos a nos identificar com os outros quatro.

No entanto, o quinto nível não é uma adição; ele está perpendicularmente plantado nos quatro outros, como uma estrela de Jacó, como um eixo vertical e uma árvore do paraíso.

É muito importante descobrir que temos a tendência de nos identificar somente

com conteúdos de nossa consciência que achamos agradáveis e justos, quando tudo o que surge em nós mesmos, suscitado por situações ou pessoas exteriores, é nossa consciência, é parte integrante da vida dela.

Quando aceito ser responsável por tudo de que tomo consciência, já não atribuo nada às outras pessoas. Nem ao acaso, ao carma, ao destino, a Deus, ao tema astrológico ou ao genoma... E mesmo que o mundo exterior lance pensamentos, emoções e sentimentos, poluindo assim minha consciência e provocando a divisão interior, de nada me serve apontar o dedo para o exterior. Rejeitar ou recusar é de fato inútil, pois não posso deixar o que não me deixa!

Por mais estranho que isso possa parecer, admitir todas as imagens e experiências, fazê-las suas para que uma única e mesma luz de consciência as penetre – a da atenção plena de amor – permite neutralizá-las e integrá-las. Então fica evidente que a consciência é mais forte que todos os seus conteúdos! O que é qualificado de “mau” ou “mal” como conteúdo psíquico obtém sua força de sua distância com relação a mim. E é isso que permite que ele me enfrente e me aprisione. Por outro lado, quando esse mal é ativamente admitido em uma luz de consciência única, todo o conteúdo da psique é integrado. O amor unifica e uma consciência unificada é fundamentalmente mais forte que qualquer conteúdo.

Quando a vida da consciência se coloca sob o olhar da razão, a Unidade pode velar do Alto. Aí está o quinto estrato, que vai se juntando aos quatro primeiros. A razão suprime literalmente os polos opostos “eu – mundo exterior” e os integra em uma unidade superior. O Um não se exprime no mental, que é precisamente o nível dos opostos, mas na razão mesma. Segundo Espinoza, as sensações ou os problemas que semeiam a divisão não podem ser moderados senão pela razão – se é que podemos considerar

esta última uma sensação. Se a razão não pudesse nos perturbar, nos emocionar, significaria que ela seria independente do que nos anima e, eventualmente, estaria em oposição a nossa alma. Ora, é necessário que ela seja parte integrante de nossa psique, e é como representante do Único que ela pode se fazer valer com mais força que as outras disposições psíquicas.

Aberta e luminosa

Tomar distância em relação ao fluxo da consciência automática das evidências em que todos os estratos de nossa própria psique exigem seu lugar é a condição para conseguir reconhecer que essa realidade deslocada substituiu a consciência original, aberta e luminosa que eu sou na realidade.

Como consciência objetivista, sou o espectador de um filme projetado numa tela colocada diante de mim, exterior a mim. Sei que me identifico com certas imagens e pessoas ou, ao contrário, que a elas me oponho. Trata-se mais de um automatismo, de um comportamento natural, que de uma escolha consciente. Por natureza, fazemos todo tipo de discriminações. Só poderemos mudar isso quando tomarmos consciência, e isso geralmente acontece bem depois. Será que finalmente vou compreender que, aos olhos do espectador que eu sou há uma única luz incolor que inunda todas as cenas representadas no filme, todas as imagens projetadas desde o início até o fim? Segundo Nicolau de Cusa: “Deus poderia ser comparado à percepção da cor em nosso mundo; ela só é possível graças ao sentido da visão, ao centro da visão; esse centro não tem cor própria, do contrário impregnaria o objeto de nossa visão. Assim, poderíamos dizer que a visão não pertence ao mundo da cor, uma vez que o dispositivo que permite ver é desprovido dela. Por essa razão, se a consideramos com base no mundo da cor, a visão nos surge mais como ‘nada’ que ‘algo’. O mesmo ocorreria se considerás-

semos Deus fundamentados mundo visível: poderíamos dizer que ele não faz parte. A relação entre Deus e o todo é semelhante à relação entre a visão e o visível”.

O que quer dizer que Deus está em relação ao todo como a consciência em relação a seus conteúdos. A consciência, em si mesma, é a luz; o rolo do filme representa minhas imagens fixas, meu passado que se tornou o conteúdo durável de minha consciência e que determina as imagens que vejo diante de mim na tela. O autoconhecimento é um caminho que vai do exterior para o interior, da tela para o rolo e de lá para a fonte de luz que está presente em todas as imagens, embora completamente independente delas.

A qualidade dessa luz da consciência é medida pela qualidade de nossos desejos. Nós a buscamos nos livros de sabedoria, nos seminários e encontros religiosos, nas entrevistas, nas sessões de ioga ou de meditação. Assim, o Único, presente em nosso desejo, busca por si mesmo! Na realidade, minha busca consiste em ser buscado, pois por que e onde deveria eu pesquisar, se essa luz já não estivesse presente em mim como um guia?

Vivendo no exterior de mim mesmo, nos textos ou movimentos que falam a mim, cedo ou tarde se imporá a mim a questão da identidade do observador e de tudo o que é observado. Quem é ele, esse ser que sabe que eu sei?



Talvez tenhamos ainda necessidade de um objeto de devoção, de um espelho exterior para nos reconhecer em nossa qualidade de observadores. Para C. G. Jung, o fato de situar Deus acima e fora dela mesma é próprio de uma personalidade que não pode experimentar o sentimento de existir senão mediante um objeto. Mas se nossa fome espiritual é um pouco satisfeita e nosso desejo purificado, atenuado, então a Consciência por si só pode, de tempos em tempos, irromper através dos conteúdos de nossa consciência. Então a “perspectiva da terceira pessoa” da consciência objetivista cede por um momento seu lugar à “perspectiva da segunda pessoa” que é a relação mística “eu – Tu”. Nesse caso, os mitos, o esoterismo, as palavras de Buda, de Hermes,

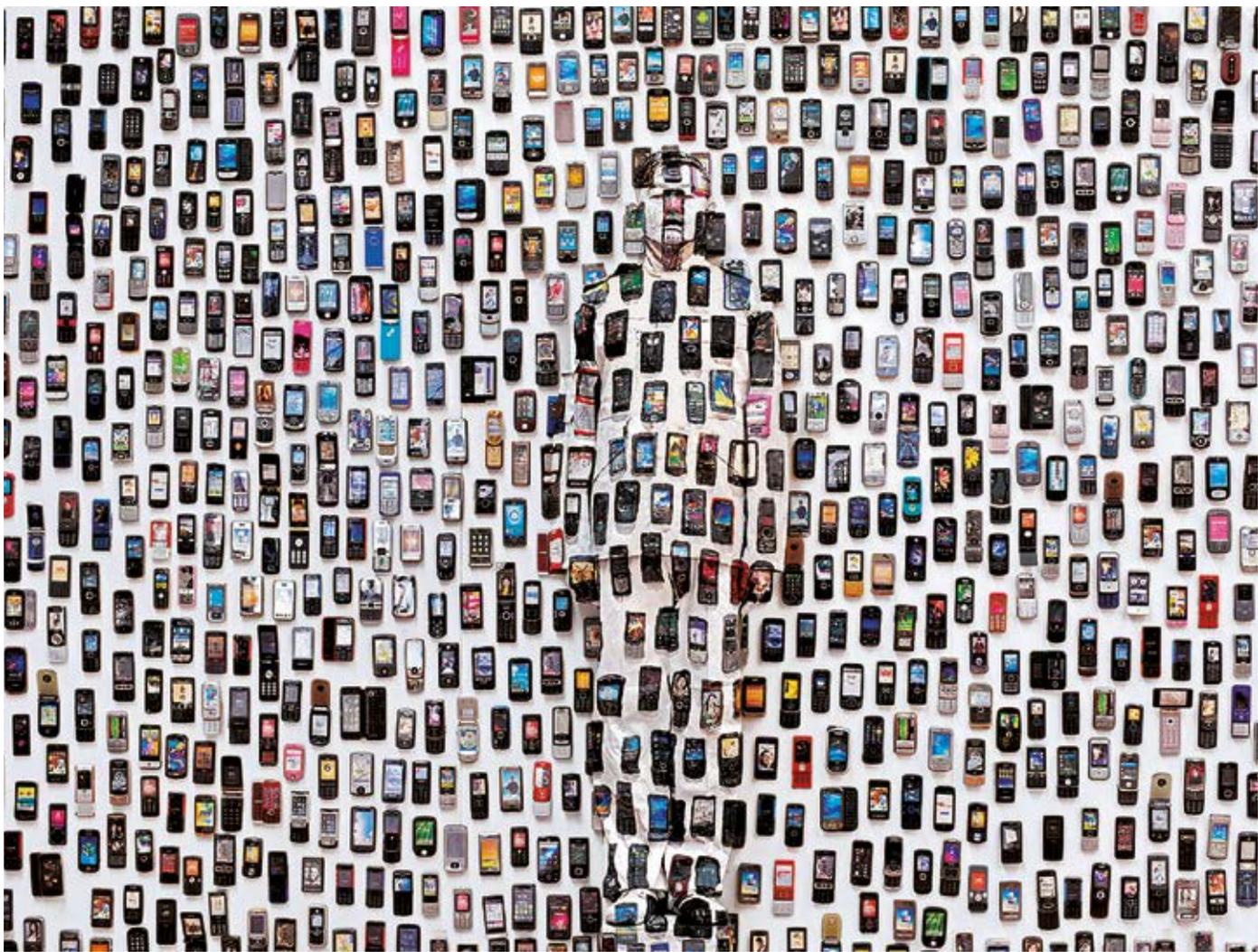
Jesus, Boehme, Eckhart, encontram em nós uma ressonância e se abrem para uma nova vivência de nós mesmos, para um autorreconhecimento totalmente novo. E se antes nosso ser residia na consciência mítica ou mágica, então, com base em uma unidade do ponto do devir consciente, o eu desperta devido a sua projeção no Tu – e esse é o caminhar indispensável para chegarmos ao Ser supraconsciente: o Eu Sou.

O observador e o observado

Krishnamurti abordava esses temas afirmando que esses dois termos representam a mesma coisa e que a unidade e o amor não podem ser conhecidos objetivamente como objetos. Ele dizia: “Será que o espírito não é capaz de ter uma propriedade

segundo a qual ele pode se mover, não para fora, mas para formar um todo completo em si mesmo? (...) Todas as separações ‘tu – eu’, ‘meu deus – teu deus’ etc., significam fissão de energia. Há apenas energia e fissão da energia, quer dizer, a divisão desta em fragmentos”.

Por identificação, a energia se fixa, ela se torna matéria, forma. Eu me chamo cristão, muçulmano, budista, ateu. No entanto, *em realidade eu não sou nada disso*; de fato, eu sou a Consciência em si mesma, aquela que é sem forma e, portanto, sem nome. Essen-



cialmente, sou um círculo de consciência aberto e sem forma, o Centro no interior do qual se desenrola minha vida pessoal. Por essa razão, a citação a seguir do Isha Upanishad não aponta para o exterior, mas para uma consciência diferente, para uma nova inspiração: “Sabe que a totalidade deste mundo inconsistente e agitado é englobada pela Consciência mesma, por Deus”. Quando a inteligência fragmentária cede lugar à razão que vê de forma unitária e esta última é de fato nossa maior “sensação”, como diz Espinoza, então o que Ramana Maharshi explica torna-se muito claro para nós: “Uma placa fotossensível

Tenho consciência de que me identifico com certas imagens ou pessoas na tela e não com outras

Foto-eclipse. Liu Bollin desaparece quase totalmente ao fundo de suas obras de arte camaleônicas

exposta à luz do sol pode em seguida ainda fixar impressões? Pode ainda haver algo que seja separado de Ti depois que eu tiver contemplado Tua luz?” Sob a intensa Luz da Consciência mesma, nenhuma imagem, nenhuma experiência pode subsistir. No eixo vertical – o centro onde todos os centros temporários desaparecem – eleva-se o sol do Centro. Nesse centro, o círculo aparece como o sol único que derrama seus raios sobre o mundo das formas e o retira do campo de visão do olho objetivista. No livro *Fama Fraternitatis, O Chamado da Fraternidade da Rosa-Cruz*, encontramos uma passagem crucial, na qual um prego é tirado da parede. Podemos ver o prego como o ponto central no qual nossa vida psíquica está suspensa, ou seja, nosso eu ou a consciência-eu. Uma vez que esse prego é retirado, levando consigo uma parte da parede, desvela-se o espaço imenso onde reside nossa verdadeira personalidade, o homem-alma-espírito. O prego, o eu, é, portanto, um ponto de reversão – desnudo e esvaziado de toda identificação com os sentimentos, as emoções, vivências e pensamentos. Reconheço a mim mesmo como centro unitário de consciência, como reflexo do Único.

Essa reversão não é a ruptura do eu, pois o Eu já foi fragmentado em inúmeros eus. Nós não somos o Eu. Esvaziado e reduzido a um ponto de não-ser, o prego-eu abre o acesso a dois mundos ao formar o eixo central que conduz ao Centro. Citemos J. van Rijckenborgh: “O eu, a consciência da personalidade, é a manifestação visível da Consciência universal, assim como o sol físico é a manifestação visível do Sol espiritual”.

O eu, por mais que esteja livre de tudo a que se justapõe, é o eixo central pelo qual – como por um buraco – a Luz do Único entra em nós. Ele abre simultaneamente um caminho para cima e um caminho para baixo: para a Fonte luminosa, visando a união mística, e para nossa realidade, então observável como o surgimento de uma nova Luz.

Assim tornam-se realidade estas palavras de Espinoza: “O Espírito tem o poder de restaurar todas as impressões corporais, todas as imagens das coisas como representantes de Deus”.

O que vem antes da reversão

Depois que acontece a integração de todo o conteúdo da consciência por identificação (que é um processo *horizontal* baseado em uma ação *vertical*, que é a dinamização) esse processo pode ser completado com a identificação com o Um. De acordo com o conceito de individuação, trata-se, literalmente, do estado de um ser indivisível. Para a identificação total, ao dizer sim a tudo o que se apresenta a nossa consciência – fase de integração –, já não há desperdício de energia e nossa vida consciente torna-se mais transparente, de tal modo que a própria luz da pura consciência de vacuidade pode facilmente atravessá-la. Aqui se aplica o discurso de Krishnamurti, no qual ele afirma que a total negação é a mais elevada afirmação, para nos fazer compreender que reconhecer que “somos todos os conteúdos de nossa consciência” é o prelúdio de uma reversão completa. É precisamente na identificação total que se encontra a possibilidade de uma negação absoluta: eu não sou os conteúdos de minha consciência. Essa negação conduz à compreensão de que eu não sou seus conteúdos, mas sim a própria consciência. O estado de vacuidade do “eu”, que reduz a consciência a ser apenas um ponto sem dimensão e sem forma, é espontaneamente aplaudido como um “estado de ser sem eu”. No entanto, o eu jamais desaparecerá como princípio da unidade-de-consciência, como imagem do Um. Purificado no Fogo do Um, o estado de ausência de eu não significa que se esteja “sem eu”, porém sem identificação com ele. Gustav Meyrink escreve: “Desvencilhai-vos de tudo que é vossa corporeidade, então vosso eu, uma vez desnudo, começará a respirar como um espírito puro”. Esse espírito, essa autoconsciência, vê do alto, a

partir de uma unidade superior. E Krishnamurti nos diz: “Cada problema está aparentado a um problema totalmente diferente, e se resolve um completamente, pouco importa qual, perceberéis que estais em condição de enfrentar e de solucionar facilmente todos os outros”. A noção de autorrendição mostra-se então sob uma luz completamente nova. Visto de baixo, ela significa que o eu se rende ao Um. No entanto, isso é impossível devido ao fato de que somente os semelhantes podem se conhecer. O Eu, como ponto vazio de consciência, torna vazio o conceito de autorrendição. A verdadeira autorrendição é nossa rendição ao Ser único, ao eixo vertical do Centro. Não é necessário nos afigurarmos se estivermos fora do nosso eixo e precisarmos ratificar nossa posição. Como seres humanos, como consciências humanas, já estamos fora do Centro, não apenas de vez em quando, mas permanentemente, pois esse é simplesmente nosso modo de ser, de ser conscientes. Agarrar-se à luz, subir o eixo vertical representado pela escada de Jacó é o que chamamos “seguir o caminho”. Não entendemos com isso que trilharemos o caminho em direção ao Um, mas que o Um vai conosco. Porque não há um caminho que conduz à unidade: a unidade é o caminho. Essa “subida para a luz” em várias etapas consiste em uma constante e incessante renovação da consciência – e não um expandir da consciência. Essa deve ter sido a

vivência de de R.M. Rilke, pois ele escreve: “Vivo minha vida em círculos crescentes”. Ele não está falando de um único círculo de consciência que se expande, mas sim de uma hierarquia qualitativa em inúmeras etapas de renovação. É assim que a autoconsciência se renova até se tornar a consciência do Ser. O transcendente Um, o verdadeiro núcleo de nossa consciência de ser, torna-se cada vez mais imanente, interior e real!
O que está acima de nós já não precisa se considerado objeto de fé.

Nova alma

Consciência é visão consciente, simbolizada pelo olho que “vê” o pensamento, o sentimento, a vontade, e observa. O círculo ou anel mais exterior e maior engloba em si todas essas funções como Olho universal único. Ramana Maharshi explica: “O Um é o Olho por detrás do olho do pensar e do sentir. Ele mesmo é o espaço da Consciência no interior da qual aparece o espaço do pensamento. (...) No espaço do poder do pensamento purificado, o Eu irradia a luz proveniente de si mesmo”.

Esse Olho irradiante, essa nova animação proveniente do Centro é a Alma-Eu. É o espaço no interior do qual toda a vida da consciência se desenrola. Para poder penetrar e transformar nossa existência pessoal, o Olho cria para si um veículo: o corpo da alma. Conforme escreve Catharose de Petri: “É somente com o nascimento do corpo da alma que começa o verdadeiro devir humano, com a verdadeira manifestação do poder do pensamento conforme intencionado por Deus”.

Toda nossa corporeidade, desde o corpo psíquico até a consciência da forma, é apenas resistência ao novo. Por essa razão – e por mais incrível que possa parecer – preferimos o que nos é familiar e tudo que nos identifica com nosso passado: nossas dores, nossos medos, nossos desejos, nosso sofrimento, nossas formas de

pensar.

Em resumo, optamos por tudo em que nos reconhecemos como pessoas. Deste lado desse horizonte, estabelecemos metas talvez mais elevadas, mas um caminho válido a partir de baixo não existe.

Em sentido gnóstico, *conhecer* não é estar consciente da unidade: é *ser* a unidade. A gnosis não é como o olho que olha o exterior; ela é o Olho que tudo contém. É o círculo da consciência, do Centro que engloba todos os centros. Ramana Maharshi diz: “Vós sois o Olho do olho. “Vós sois o que não pode ser visto pelo olho, mas que vê a própria visão. (...) O Ser é o Olho ilimitado”.

Mestre Eckhart o exprime assim: “O Olho no qual vejo Deus é o mesmo no qual Deus me vê. (...) Um único olho, uma única visão, um único amor. (...) Deus e eu somos um no Conhecimento”. Mesmo que compreendamos essas palavras (com a consciência objetivista), não significa que entendemos seu conteúdo (como autoconsciência). Trata-se do elevado nível de energia da nova consciência, o qual a consciência objetivista não alcança, ao qual não sem razão nos referimos como a um Fogo. Hermes diz: “Sei que és imperecível, Olho eterno. O Olho do fogo que arde eternamente”. E Jacob Boehme: “A Alma é um olho de fogo ardente que representa o primeiro princípio. Se o olho recebe a Luz, é porque a Alma nasceu no Fogo”.

O Espírito-Fogo é transcendente. Porque nele todos os opostos são eliminados, a consciência não pode ser uma posse pessoal, nem mesmo uma qualidade pessoal. É um fogo que arde no Conhecimento.

Receber e realizar

Somente por meio da Alma o Fogo do Espírito pode continuar a transformar uma pessoa a fim de conduzi-la à realização como Homem-Ideia único. É o processo da transfiguração. A unidade Espírito, Alma e pessoa representa o Homem trinitário apto a receber e a realizar



o *mundus imaginalis*, o mundo divino das ideias de que fala Platão. Essa restauração do homem trinitário é, desde os tempos mais antigos, o alvo da autêntica espiritualidade. Assim lemos no Bhagavad-Gita: “Eu sou o Espírito que, nas profundezas insondáveis da Alma, habita em todo ser. (...) De todas as forças, Eu sou a Força original; de tudo que é, Eu sou a fonte. Porque

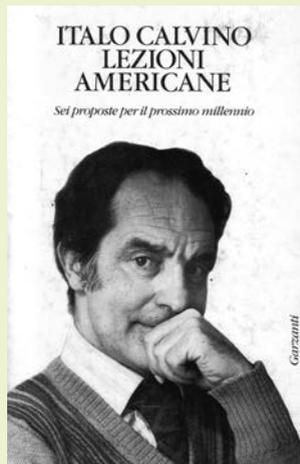


Eu sou tudo; sem mim, nada é. Em todas as coisas Eu sou somente Eu-Sou". Com referência à nova pessoa, lemos no Salmo 104: "Deus meu, como tu és magnífico: sobrevestido de glória e majestade, coberto de luz como de um manto. Tu estendes o céu como uma cortina". Trata-se da veste da Alma, poeticamente simbolizada pela Rosa que, desabrochada, preenche o microcosmo inteiro. O Espírito é Fogo e é a razão pela qual a consciência das ideias divinas ígneas refletindo-se no Espírito não é uma repre-

sentação mental. Essas ideias são forças criadoras renovadoras cujas radiações, qual uma Luz única, trespassam todas as coisas e as unem em uma só. As Ideias são essências intemporais refletidas em uma consciência-fogo. A Ideia divina pensa em nós e é por isso que devemos nos harmonizar conforme convém. No Espírito, na Inteligência, a realidade divina reflete-se como Amor, única coesão vivente. Nossa consciência objetivista, que opera em polaridades opostas nas relações e relacionamentos, não pode penetrar até essas

Ideias. E podemos concluir com Krishnamurti: "Quando amais – o que significa: quando vos doais totalmente, absolutamente a qualquer coisa – não há relação. Em semelhante caso, não há um e o outro, há uma unidade perfeita". ✪

Conferências em Harvard



Seis propostas para o próximo milênio

Uma fina rede de raios de luz e a busca por uma nova linguagem.

Como se pode exprimir uma ideia de grande leveza, como seria a linguagem de seu portador? Uma linguagem inspiradora, que leva corações a cantar e consegue entusiasmar cabeças? Traços dessa busca são encontrados em Ítalo Calvino, autor de *A trilha dos ninhos de aranha*, *Palomar*, *As cosmicômicas* e de *As cidades invisíveis*, certamente sua obra mais conhecida

Ítalo Calvino, nascido em Cuba em 1923, escreveu em 1985 *Seis propostas para o próximo milênio*, uma série de palestras que pretendia dar na Universidade de Harvard. Pouco antes da viagem, ele faleceu em Siena – e havia concluído apenas cinco das seis palestras. Sua filha, Esther Calvino, decidiu publicar posteriormente o legado literário do pai.

Afirma-se que Calvino costumava refugiar-se em histórias fantásticas tentando, desse modo, escapar da realidade. Também se atribui a ele uma linguagem muito eficiente e clara. No entanto, suas histórias de forma alguma pertencem a um mundo visionário. De fato, elas são como estruturas de trama muito fina que dão asas à fantasia. Suas palestras sobre literatura mostram que ele próprio tinha outra noção delas e definia sua atividade como uma contínua remoção de peso.

Leveza

Às vésperas do novo milênio, Calvino tenta, nessas conferências, discutir o futuro do livro e contrapõe a Literatura *em si* ao período industrial pós-moderno.

O “livro” subsistirá em sua forma atual e, em caso afirmativo, quais as características e valores a que a Literatura deverá aspirar? Nessas palestras, ele procura símbolos e imagens que possam nos conduzir ao novo milênio.

Calvino sonha com uma Literatura que seja *leve, rápida, exata, clara e universal*. São estes os títulos das cinco palestras das quais

gostaríamos de comentar a primeira. Nesta, ele defende a leveza como remédio contra o peso da vida. Mas as demais palestras têm o mesmo “peso”.

Nesse trabalho, Calvino contrapõe a *leveza* à gravidade e empreende uma tentativa de definir o que ele provou, como escritor, em seus romances e contos. Em 40 anos como escritor, ele tentou, acima de tudo, remover o peso da construção da narrativa e da linguagem e considera a leveza um valor, não um defeito. Ele procura tirar peso de corpos celestes, pessoas e cidades, mas, sobretudo, da estrutura de suas histórias e sua linguagem. O século no qual ele atuou foi marcado pelo peso no material, na revolução industrial, no pensamento, na arte.

“Quando comecei a escrever, o imperativo categórico de todo escritor jovem era o dever de representar sua própria época. Portanto, com a maior boa intenção, tentei compreender a força impiedosa que comanda o processo histórico de nosso século em seus aspectos individuais e coletivos. Procurava por uma sintonia entre o agitado espetáculo do mundo que se afigura alternadamente dramático e grotesco e minha

Italo Calvino

inclinação pelo burlesco e aventureiro que me impelia a escrever. Logo tomei consciência de que entre os fatos da vida, que deviam ser minha matéria prima, e a movimentação rápida e precisa que eu desejava para minha escrita existia um abismo cuja superação me exigia cada vez mais força. Talvez só então eu tenha descoberto a lerdeza, a inércia, a opacidade dos atributos do mundo que imediatamente se prendem também à escrita quando não se encontra um caminho para escapar a elas.” Calvino tinha a sensação de que o mundo ao redor o petrificava e que essa “carga” parecia afetar cada aspecto da vida. Como se nada nem ninguém escapasse do olhar petrificante da Medusa. Apenas Perseu que, com suas sandálias aladas, se move no que há de mais leve: vento e nuvens. Existe uma alegoria entre o escritor e o mundo, mas aí também se abriga um perigo, de acordo com Calvino. Com os mitos não se pode ter pressa. É preciso assimilá-los lentamente e já não tentar atribuir-lhes um significado, pois a lição está no âmago do mito. “Sempre que o reino do humano me parece condenado à gravidade, eu penso que deveria sair voando para outro



espaço como Perseu. Com isso não estou falando de uma fuga para o sonho ou o irracional. Acredito que devo mudar meu princípio, ver o mundo com outros olhos, outra lógica, outro método de conhecimento e verificação. Acredito que as imagens de leveza pelas quais procuro não podem empalidecer diante da realidade do presente e do futuro...”

Lucrecio e Ovídio

Quando parece que a Literatura não pode sempre protegê-lo de nela perseguir apenas sonhos, Calvino procura respostas na

ciência. Estamos no ano de 1985, computadores estão no começo e as descobertas da Física Quântica certamente ainda não são algo de domínio público. Mesmo assim, Calvino via nessa evolução uma prova de sua sonhada leveza – principalmente na desintegração das estruturas. E uma segunda revolução industrial viria a distinguir-se significativamente da primeira com seu maquinário esmagador e imagens de trituração, ou seja, como fluxo de informação na forma de impulsos eletrônicos sem peso. A concepção de

mundo que ele via diante de si ajustava-se a uma linha que já é muito antiga na história da poesia. Com isso, ele refere-se ao poema didático *De rerum natura* (A natureza das coisas) de Titus Lucretius Carus (Lucrecio), a primeira grande obra poética na qual o conhecimento do mundo vem a tornar-se a desagregação de sua forma compacta e a percepção do infinitamente pequeno, móvel e leve. No ano 50 a. C. Lucrecio já via na linguagem uma metáfora para a substância sutil do mundo, um sistema de sinais que está em constante

movimento. Calvino refere-se também às *Metamorfoses* de Ovídio, escritor versado na transformação de tudo o que é ligado à forma – mas incluindo os frágeis invólucros das partículas indivisíveis. Ele admira a linguagem empregada por Ovídio na descrição das transformações. Tanto em Lucrecio como em Ovídio, ele percebe uma leveza baseada em uma Filosofia e uma Ciência: em Lucrecio é a doutrina do filósofo grego Epicuro e, em Ovídio, é o ensinamento de Pitágoras. Para dar ainda mais força à sua busca, ele refere-se a Cavalcanti, chamando nossa atenção para a seguinte imagem:

“Se tivesse de escolher uma imagem auspiciosa para a entrada do novo milênio, minha opção seria esta: o salto rápido e fluido do filósofo poeta que se eleva acima da lentidão do mundo e, com isso, prova que sua seriedade contém o segredo da leveza enquanto aquilo que é tido por muitos como a vitalidade da época – barulhenta, agressiva, ameaçadora – pertence ao reino da morte como um cemitério para automóveis velhos enferrujados.”

Com essa imagem ele descreve a poesia do trovador florentino do *Dolce stil novo*, Guido Cavalcanti (1255-1300), o poeta da leveza. Em suas poesias, as *dramatis personae* são menos figuras humanas do que suspiros, raios de luz, imagens óticas e, sobretudo,

impulsos imateriais ou mensagens que ele denomina *spiriti* – espíritos. Em Cavalcanti, o peso da matéria dissolve-se pelo fato de que os materiais que compõem a imagem do homem podem ser muitos e são cambiáveis. Em sua poesia tudo se movimenta tão rápido que até as palavras escapam do peso. Calvino mostra-nos o fato de que o mundo consiste em átomos sem peso e que não poderíamos apreciar a leveza da linguagem sem atribuir valor à linguagem com peso.

Shakespeare e Emily Dickinson

Na história da Literatura, delineiam-se duas tendências: uma é a dos escritores que tornam a linguagem um elemento sem peso, que flutua acima das coisas como uma nuvem, como matéria muito sutil – ou melhor, como campo de impulsos magnéticos. A outra linha tende a transmitir justamente o peso da linguagem, a densidade e a firmeza das coisas, corpos e sentimentos. Cavalcanti busca a leveza e Dante pode ser considerado como representante da segunda tendência. Ao lado de Cavalcanti, Calvino coloca Shakespeare e Cyrano de Bergerac. Também se refere a Emily Dickinson para ilustrar sua busca por leveza. Dickinson torna a linguagem tão leve que o essencial parece meramente acompanhá-la, como que surgindo em uma rede de palavras sem peso. Com

isso, até o próprio significado parece fugidio.

Uma sépala, uma corola e um espinho

Em uma trivial manhã de verão –

Uma tacinha de orvalho – uma abelhinha ou duas –

Uma rajada de vento – um sussurro na ramagem –

E sou uma rosa!

Romeu e Julieta

Assim como Dickinson, também Shakespeare dá leveza à linguagem e faz que os eventos “dancem” em uma rede de palavras destituídas de peso. Por exemplo, em *Romeu e Julieta*, o momento em que Mercúrio surge no palco e diz: *You are a lover; borrow Cupid's wings/ and soar with them above a common bound.* (Estás apaixonado! Pede emprestadas as asas de Cupido e sobe com elas além dos limites comuns.). Verbos como *to dance, to soar, to prick* (dançar, voar, perfurar) mostram que Shakespeare não faz Mercúrio dar uma comprovação filosófica, ao contrário do que conta a história de um sonho:

*Seu coche é de
asas de gafanhoto,
Sua rédea da
mais fina teia de aranha.*

*Seus arreios de
transparentes raios de luar,
De osso de grilo é
o cabo de seu chicote,
O rebenque, fios de
teias de aranha de
fim de verão...*

E não vamos esquecer que esse coche é puxado por um *team of little atomies*, uma “parelha de pequenos átomos” – um detalhe determinante pelo qual o sonho da rainha Mab (uma sílfide) é colocado na situação de fundir o atomismo de Lucrecio, o neoplatonismo da Renascença e o folclore celta.

A ênfase sem peso da qual fala Calvino volta a florescer na época de Cervantes e Shakespeare. Essa época conhece as correntes de força etérica que ligam o macro ao microcosmo descendo do firmamento neoplatônico até os espíritos dos metais que se transformam nos cadinhos dos alquimistas. Nesses bastidores culturais de Shakespeare surgem muitos exemplos de fantasia das forças naturais.

Assim como a melancolia é a tristeza que se tornou leve, o humor é o cômico que perdeu seu peso corpóreo. O próprio Calvino chega a afirmar que Shakespeare descreve as emoções como um véu de partículas diminutas de estados de ânimo e sentimentos, uma nuvem de átomos como tudo o que, enfim, constitui a multiplicidade das coisas.

Buscadores da luz em busca de uma nova linguagem

Ao final da palestra, Calvino parece estar em vias de cair em confusão: ele mesmo diz isso. Teria ele entrelaçado fios demais em um mesmo novelo?

E ele se pergunta qual é o fio que vai conduzi-lo para a função da Literatura que deve ter uma função existencial. E dá então uma segunda palestra, na qual liga as demais entre si e também repete mais algumas vezes o núcleo da primeira.

“Percebo que esta conferência, que se originou das correlações invisíveis, ramificou-se em diversas direções e ameaça dispersar-se. Mas todos os temas de que tratei hoje e também na palestra anterior condensam-se na ideia de que são regidos por um deus olímpico ao qual dedico especial reverência: por Hermes-Mercúrio, o deus da comunicação e da difusão que também é tido como criador da escrita com o nome de Thoth. E ainda, como afirma C. G. Jung em seus estudos, como ‘espírito de Mercúrio’, representa o princípio da individualização.”

Parece estar claro que Ítalo Calvino era um buscador da Luz. Todos os seus romances e contos dão sinais disso, mas em nenhum deles ele fala de modo tão significativo de sua busca como nessas palestras. Na última delas ele afirma que, na realidade, procura por uma obra que se produz fora do contexto do *self* (si-mesmo), fora do campo de visão limitado de um “eu” individual. Não se trata de fazer ressoar uma voz para os outros “eus”, mas de direcionar as pala-

bras para aquilo que não tem linguagem. E esse é o anseio, a busca que contribui para “desonerar” a linguagem.

Calvino oferece-nos as pedras de construção da nova linguagem, mas não são pedras maciças, são antes sinais muito sutis. Portanto, também não devemos continuar falando de pedras de construção, não temos de construir a nova linguagem, agora temos de remover peso das palavras. Essa “nova” linguagem não pode ser tecida, ela só pode ser composta por palavras aladas.

Os pensamentos talvez se façam compreender mais em momentos nos quais podemos deixar a linguagem de lado, no silêncio ativo que compartilhamos uns com os outros. Também para Calvino aquilo que não se deixa prender em linguagem é o bem supremo para descrever alguma coisa. Também é nossa missão procurar por uma linguagem que dê expressão àquilo que a leveza “carrega” em si. Aí está oculta a chave. E provavelmente está invertida, e por isso é preciso tornar nossas palavras tão leves, a ponto de poderem ser portadas pela rede tecida de luz. Não é verdade que nossas palavras frequentemente têm a tendência a agarrar-se a representações mentais e estruturas antigas? Já não se trata de ver se elas “ainda pesam” o suficiente e se ainda são compreendidas na íntegra. A nova linguagem só

espera ser libertada de todas as estruturas, condicionamentos e firmes convicções.

Já nos encontramos há algum tempo no novo milênio apontado por Calvino; a desmaterialização já se implantou. Esta não continuará sendo a época da cristalização e da complicação, que já não devem ficar aderidas a nossas palavras e ideias, acrescentando-lhes um peso inútil. E, para fugir do toque e do olhar petrificante sobre as coisas – a petrificação da Medusa – podemos servir-nos da imagem de Perseu. A doutrina gnóstica é sem peso, a linguagem da Luz também. Somente com um salto ousado poderemos empregar a linguagem de Mercúrio: uma linguagem que dança e flutua. Palavras aladas já existem, não é preciso construir “nova linguagem”. Certamente podemos dar-lhe mais leveza ao prendê-las à rede da Luz. Assim como nós também já estamos alados, mas ainda temos de desembaraçar-nos de todo peso. Deixemos as palavras nos precederem tecendo uma urdidura muito fina de raios luminosos aos quais só precisamos seguir. ✨



Às vezes temos a impressão de que já foram ditas palavras demais. Muitas delas são lindas, mas outras são insignificantes ou sem sentido. São palavras vazias, que não carregam nada além de um imenso vazio interior. Então, por que não silenciarmos? Por que não paramos de afirmar, sem necessidade, tantas opiniões e pontos de vista, em todas as línguas?

A língua esquecida

Percebemos muito bem o quanto a linguagem ficou profana e banal, reduzida a falatórios, fofocas e discussões que, na maior parte do tempo, se baseiam em imagens fugazes do momento, assuntos que atraem apenas nossa atenção imediata. Muitas vezes as palavras são a expressão instintiva de desequilíbrios emocionais pessoais, dependendo se são pronunciadas em tom meloso ou agressivo. Temos toda razão quando desconfiamos da violência verbal, pois ela é, acima de tudo, irreal e falsa, pois o Som foi profanado e nivelado por baixo. Por outro lado, empregamos a linguagem da lógica, uma linguagem sóbria e sensata, para enumerar, descrever, classificar, explicar, fornecer milhares de informações, eliminando cuidadosamente tudo o que possa provocar emoções e sentimentos. É a linguagem rasa da objetividade fria, que limita tudo ao nível dos fenômenos e acontecimentos; ela pode ser memorizada facilmente e reconstituída sem dificuldade, de forma mais ou menos adequada. A aridez de seu vocabulário impede que ela toque o coração. Apesar de sua aparência séria e impressionante, ela também carece fundamentalmente de sentido.

Como aconteceu com todas as palavras, essas também se distanciaram da língua original, da linguagem esquecida dos mistérios. A língua sagrada exprime muito mais do que aquilo que somos capazes de imaginar e esperar! Ela se tornou incompreensível para os homens atuais. Perdemos totalmente a capacidade de escutá-la. Segundo a tradição evocada por H.P. Blavatsky na *Doutrina Secreta*, essa língua sagrada é o *senzar*, a língua secreta dos sacerdotes, por meio da qual as palavras dos seres divinos foram proferidas aos Filhos da Luz na Ásia central. E houve época em que ela era conhecida pelos iniciados de todas as nações (...), que a receberam dos sábios e dos filhos divinos da terceira, segunda e primeira raças. É essa linguagem que nos reconecta diretamente à essência da Criação. Ela não fala de algo qualquer. Ela fala diretamente da fonte e exerce sobre nós uma força capaz de gerar algo em nosso interior. Uma linguagem como essa toca o nosso coração para muito além da percepção superficial. Sentimos sua origem remota, que ultrapassa todos os nossos limites. No entanto, ela é universal e abrange todas as línguas existentes. Por trás dos falatórios que remetem a confusão babilônica, a linguagem original

ainda vibra, como um chamado silencioso, para quem sabe se aquietar por um instante e sente que sua alma é capaz de escutar e compreender. Ela sempre pode ser ouvida no plano de fundo de todos os discursos.

Existe um nome divino que não pode ser representado por nenhuma linguagem humana: é o “Fiat” criador (“Faça-se!”), o Amém (“Que assim seja!”), proferido no princípio dos tempos. É a fórmula sagrada que constitui a matriz de tudo o que é. É o som primordial que ressoa por todo o Universo. Quem o escuta outra vez torna-se, ao mesmo tempo, mensageiro e irradiador da Palavra redentora, esperada durante longo tempo por tanta gente. ✨



O dragão

Tanto na mitologia grega como nos textos alquímicos do Oriente e do Ocidente, o dragão é um símbolo muito prestigiado. Um dos mais famosos mitos da Europa descreve o combate de São Jorge com o dragão para conquistar a bela princesa (a alma), libertando-a das garras do animal, ou seja, da vida inferior. Na linguagem do Apocalipse, é Miguel (Micael) quem supera a força do dragão. O dragão ou a serpente representam, ao mesmo tempo, as forças instintivas da vida e a consciência espiritual superior, conquistada com base numa indispensável transformação. Primeiro, a lenda apresenta o Leviatã – monstro marinho mítico – e também a hidra com suas muitas cabeças como algo muito ameaçador e perigoso. O herói, chamado de Marduque, São Jorge, Siegfried ou Hércules, precisa vencer esse perigo com a espada do Espírito.

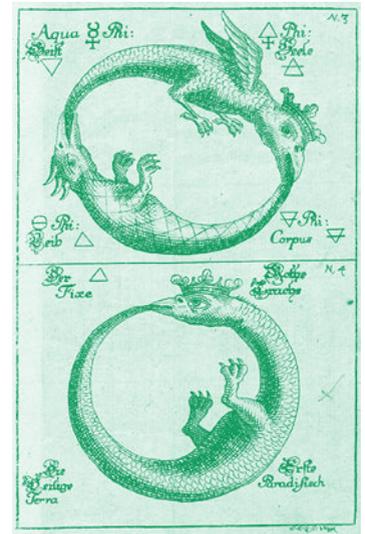
Na verdade, nesse primeiro estágio, o mundo é sentido como algo ameaçador e perigoso. Mas, quando acontece o combate, podemos visualizar que o dragão tem três pares de asas: as asas do corpo, do coração (ou da alma) e as asas da cabeça (ou do Espírito). Nesse estágio, o dragão passa a simbolizar o corpo que, depois de ter alcançado a unidade harmoniosa com a alma e o Espírito, pode se abrir e se elevar para muito além das profundezas do mundo material.

Na alquimia, o dragão representa Mercúrio – por isso é rápido e ambivalente. Logo de início, ele se apresenta sob a forma de um réptil rastejante que precisa ser libertado, como um espírito aprisionado em uma garrafa. É a *matéria prima*, a substância original, a partir da qual tudo é composto e que vai ser transmutada durante o processo alquímico. Então, o dragão negro se transforma em dragão de ouro e é libertado de seu cativeiro no espaço-tempo.

Além do dragão ou réptil, há outra abordagem, proveniente do simbolismo gnóstico e hermético: ouroboros. Esse símbolo, proveniente das tradições do antigo Egito e da antiga Grécia, sempre é representado por uma serpente engolindo sua própria cauda, pois ouroboros significa “aquele que come sua cauda”. Ele evoca o círculo infinito do eterno retorno.

Em suas imagens mais antigas, ele simboliza o caos sem forma que envolve o mundo organizado: o Egito antigo era considerado, na época, o país no qual reinava a ordem, com sua civilização que tinha o objetivo de preservar o Universo – assim, como essa civilização guardava e protegia a ordem eterna, o Egito estava isento e podia emergir do caos.

Para os gnósticos, ouroboros reflete a unidade que existe entre todas as coisas, tanto espirituais como materiais. Sua essência jamais desaparece: ela morre e renasce eternamente sob formas sempre novas. O Evangelho da Pistis Sophia descreve “o disco solar como uma serpente duodécupla com a cauda na boca”.





O mestre do dragão tríplice de Bressanone

O que é representado nessa história é o ser humano em seu esforço para superar seu ego natural tríplice. Os três dragões – ou apenas um – aparecem com frequência em mitos e contos sob a forma de um monstro guloso e ameaçador que cospe fogo pela boca.

Em sua busca por felicidade, o ego natural tríplice – pensar, querer e sentir –, chamado simplesmente de “ego” ou “eu”, é como o fogo do dragão, que nunca se extingue. É uma fome insaciável que o homem possui no sangue: não há nele lugar algum em que essa fome não possa ser encontrada, pois o sangue circula continuamente por todo o corpo, irrigando assim cada uma de suas células.

Esse mecanismo é simbolizado na estátua pela água que jorra da garganta do dragão e cai em um tanque, para ser reaproveitada ininterruptamente. Esse ciclo e essa fome nunca satisfeita já causaram imensos sofrimentos e conflitos aos seres humanos. Afinal, para nutrir esse aspecto presente em nós mesmos, precisamos do alimento que criamos individual e coletivamente com nossas polarizações, inimizades e discórdias, acompanhado do sentimento de separação relacionado a isso tudo. Uma cultura inteira foi desenvolvida com base nessa forma de pensar, querer e sentir.

Mas existe também uma Força de Amor, representada pelo homem que está em-

punhando a lança. Essa Força é caracterizada pela doação e partilha. O Amor, que é a fonte de vida, luta contra o egoísmo insaciável do ego natural tríplice. Não estamos falando do amor que envolve um e rejeita o outro: esse tipo de amor não passa de uma faceta do ego e podemos demonstrar facilmente que ele é, acima de tudo, interesseiro. Ora, essa luta só pode acontecer quando temos o poder do amor desinteressado: ela não é um combate contra os outros ou contra aqueles que pensam de maneira diferente, mas, acima de tudo, é uma luta contra nós mesmos.

Seria ridículo admitir, ainda hoje, que a Terra é o centro do universo, pois a ideia de um sistema geocêntrico tornou-se completamente obsoleta. No entanto, o pensamento egocêntrico ainda está longe de ser ultrapassado, embora seja totalmente irracional, uma vez que o ego não passa de uma parte muito limitada do ser humano, o qual não deveria, com toda certeza, atribuir a si mesmo um papel central.

Existe no sistema humano uma amplitude que domina o ego, ou falso eu. Essa dimensão de grandeza é a Alma, o homem verdadeiro, imortal, eterno. É a respeito dessa força, dessa realidade que se encontra em nosso próprio coração, que se diz: “Aquele que é, que foi e que virá”. Esse núcleo presente no homem recebe

Em uma pequena praça ao lado da grande Catedral de Bressanone (na Itália), eleva-se a estátua de bronze, discreta e delicada, de um homem empunhando uma lança com as duas mãos, com a qual perfura um dos três dragões que estão sob seus pés. Há séculos, e de diversas maneiras, tenta-se transmitir o significado dessa imagem tradicional.

diversos nomes, como pedra filosofal, joia de lótus, pérola de valor inestimável, lótus branco e átomo-centelha do Espírito. É o último vestígio “Daquele que é, que foi e que virá”.

Essa expressão, bem como várias outras, se refere a determinado nível de sensibilidade com relação à Gnosis, ao encontro com ela. A partir desse encontro, o ser humano entrega-se a ela de maneira inteligente e concreta. Só então pode receber em seu sangue a força libertadora que vai se disseminando por todas as partes do corpo para expulsar os pequenos dragões. O rosto da estátua não demonstra agressividade nem está crispado pelo nervosismo, por mais que o homem esteja abatendo os dragões. Pelo contrário: ele tem uma expressão doce, serena, um olhar concentrado, como se entre ele e os dragões tivesse se estabelecido certa cooperação.

Mas essa cooperação tem uma condição: exige que o ser humano faça uma escolha. A Luz precisa ser ardentemente desejada. O dragão tríplice precisa ter adquirido a convicção de que sua existência é miserável, ter reconhecido a Força da Luz, do Amor, e ter aceitado de forma voluntária e consciente que sua fome insaciável foi finalmente apaziguada. Portanto, a Luz lhe propõe um caminho, um processo de libertação que traz consequências inimagináveis: poderíamos dizer muito a respeito disso! Estas são apenas algumas das reflexões que nos vieram à mente, ao observar a estátua de Bressanone. ★





A revista **Pentagrama** é publicada quatro vezes por ano em alemão, inglês, espanhol, francês, húngaro, holandês, português, búlgaro, finlandês, grego, italiano, polonês, russo, eslovaco, sueco e tcheco.

Edição
Rozezkruis Pers

Redação Final
Peter Huijs

Redação
Kees Bode, Wendelijn van den Brul, Arwen Gerrits, Hugo van Hooreweeghe, Peter Huijs, Frans Spakman, Anneke Stokman-Griever, Lex van den Brul

Diagramação
Studio Ivar Hamelink

Secretaria
Kees Bode, Anneke Stokman - Griever

Redação
Pentagram
Maartensdijkseweg 1
NL-3723 MC Bilthoven, Países Baixos
e-mail: info@rozezkruispers.com

Edição brasileira
Pentagrama Publicações
www.pentagrama.org.br

Publicação digital
Acesso gratuito

Responsável pela Edição Brasileira
Adriana Ponte

Coordenação, tradução e revisão
Adriana Ponte, Rossana Cilento, Amana da Matta, Carlos Gomes, José de Jesus, Marcia Moraes, Mariana Limoeiro, Marlene Tuacek, Mercês Rocha, Rafael Albert, Rafaela Furlan, Ellika Trindade, Fernando Leite, Lino Meyer, Luis Alfredo Pinheiro, Marclio Mendonça e Urs Schmid

Diagramação, capa e interior
Nina Rimat
Junior Damasceno

Lectorium Rosicrucianum
Sede no Brasil
Rua Sebastião Carneiro, 215, São Paulo - SP
Tel. & fax: (11) 3208-8682
www.rosacruzarea.org.br
info@rosacruzarea.org.br

Sede em Portugal
Praça Anónio Sardinha, 3A (Penha de França)
1170-022 Lisboa
lisboa@rosacruzarea.org
portugal@rosacruzarea.org

© Stichting Rozezkruis Pers
Proibida qualquer reprodução sem autorização prévia por escrito

ISSN 1677-2253

COLABORAÇÕES

- A árvore e a serpente
- O mestre dragão tríclice de Bressanone
- A língua esquecida
- O barquinho de papel
- A sabedoria de Waitaha
- O triângulo flamejante
- Entrevista – Timothy Freke

SEÇÕES

- Livro: Conferências em Harvard - Italo Calvino
- Reportagem: O poder do verbo em Atenas Crônica:
- Acrescentar traços luminosos
- Símbolo: O dragão

ENSAIO

- O centro

